

TEATRO AO ENCONTRO DO POVO

PELA RENOVAÇÃO POPULAR DO TEATRO NACIONAL
ÓRGÃO DO MOVIMENTO "TEATRO AO ENCONTRO DO POVO"

ANO 1

RIO DE JANEIRO, AGOSTO DE 1972

Nº 1

SUMÁRIO:

O TEATRO ESTÁ NA RUA.....

CULTURA E CONTRACULTURA

O SONHO PASSOU?

ENTREVISTA com
JESUS CRISTO!

AS RAÍZES DO TEATRO

A EPOPÉIA DE GUILGAMESH

HISTÓRIA DO TEATRO MUNDIAL

ACELERAÇÃO DA HISTÓRIA

A SAGA DE IPANEMA:

O nascer de um mito urbano
COPACABANA:

Padrão de cultura urbana
TIJUCA – Um Rio mais carioca
UM TUBARÃO NA JANELA
DA LIBERDADE

ARTE MINORITÁRIA OU
MASSIFICAÇÃO

TEATRO AFRICANO

RETIRA-TE BOI – LÁ
DO MEU SERTÃO

TEATRO AO ENCONTRO DO POVO

A renovação popular do teatro se processa na rua. Há cinco anos iniciou-se este movimento que pretende mudar a face do teatro nacional.

Comemorando o quinto aniversário do movimento lança-se agora uma publicação cultural que leva o nome do movimento. "Teatro ao Encontro do Povo" como publicação cultural pretende contribuir para o processo cultural em andamento.

Encontramos uma ampla colaboração por parte do comércio. Alguém menos avisado poderia vislumbrar nisso um enquadramento do nosso movimento. Mas, muito pelo contrário, a receptividade que nossa publicação encontrou em todos os setores, demonstra apenas que a compreensão, do nosso movimento, a aceitação do teatro de rua e da dramaturgia nacional e popular que defendemos, é geral.

Aos partidários do nosso movimento, em especial a mocidade estudantil, queremos dirigir um apelo:

O comércio que colaborou com nossa iniciativa mostrou abertura de espírito, mostrou compreensão das novas correntes culturais do nosso tempo. Esta atitude do comerciante, do dirigente de escola e de outros que apoiaram nossa iniciativa revela-se certamente, também, na maneira de dirigir seus negócios, de atender seus clientes, de administrar sua empresa, sua escola, se revelará também nas mercadorias oferecidas, no padrão de ensino e assim por diante. Abertura de espírito, quando alguém tem, penetra em tudo. Por isto apelamos aos partidários de movimento, aos estudantes secundaristas e universitários que sempre nos deram seu apoio, prefiram os que apoiaram esta nossa publicação, no nosso interesse e no interesse de vocês — pois como já foi dito — a abertura de espírito se reflete em tudo.

O teatro está na rua...

Teatro ao encontro do povo

De TALES LIMA

Um movimento — Uma esperança
— Um passo ao encontro do futuro

"Fazer teatro para o povo" — "Levar o povo ao teatro" ou mesmo "Levar o teatro ao povo" são objetivos constantemente proclamados. O difícil tem sido passar das palavras à ação.

As chamadas popularizações de teatro, com ingressos a preços reduzidos, nem cabem nestas considerações, o público nestas sessões populares é o mesmo de sempre, os preços de liquidação correspondem apenas a uma comercialização de fim de temporada ou ao cumprimento de uma cláusula contratual para justificar subvenções distribuídas.

Na evolução do teatro brasileiro, anterior ao movimento "Teatro ao Encontro do Povo" é necessário no entanto destacar algumas tentativas de realmente fazer teatro popular, por mais transitórias que tenham sido.

Em 1947, o Teatro de Estudantes de Pernambuco realizou uma campanha de teatro popular, procurando a praça pública para seus espetáculos. Começaram com "A Sapateira Prodigiosa" de Garcia Lorca, realizando alguns espetáculos em praça pública, um num engenho de açúcar, alguns em salões de bairros. Não chegaram a maior número de apresentações, pois as montagens eram complexas demais para espetáculos de rua, exigindo longos preparativos de carpintaria, de eletricidade, etc. A Base Naval de Recife ofereceu em 1948 um palco móvel, que deveria servir para os espetáculos do TEP nos bairros. A Barraca, como a chamaram, foi montada no Parque 13 de Maio para os primeiros espetáculos. A Barraca, no entanto, era tão pesada, grande e de armação complicada, que não foi possível removê-la, ficou por aí e o TEP ficou junto, amarrado com seus espetáculos concentrados só neste único local. O passo seguinte ainda dado em 1948 foi refluir para o Teatro Santa Isabel e cobrar ingressos. Quem observa bem esta jornada do TEP irá verificar que desde o início, quando fizeram alguns espetáculos em praça pública e em salões suburbanos, o que predominava era a "saúde do palco", o conflito entre a vontade de fazer teatro para o povo e o hábito e cacoetes do teatro estabelecido.

As experiências do Teatro Popular do Nordeste e do Teatro de Cultura Popular, ambas também realizadas em Recife, com apoio oficial, lá pelos idos de 1962, também não tiveram duração,

nem tiveram como sua marca característica o teatro de rua, mas a procura do povo, através de alguns espetáculos em salões suburbanos, entremeado de alguns outros espetáculos ao ar livre.

As experiências realizadas neste sentido em outros Estados, foram ainda mais efêmeras e menos sistemáticas.

Por isto a primeira iniciativa prática em favor de um teatro de rua é o movimento "Teatro ao Encontro do Povo", lançado em 1967 por Otto e Florence Buchsbaum.

Reconhecendo a impossibilidade de trazer realmente o povo aos teatros, o movimento optou pelo teatro de rua, aceitando suas limitações e reduzindo seus espetáculos ao essencial: texto — atores — público.

Em contraste com todos que antes se engajaram no teatro popular Otto e Florence Buchsbaum fizeram um movimento teatral que na rua em contato com o povo encontrava seu objetivo e sua realização, para, sem saudade alguma do palco, dos seus recursos e das suas tradições, procurar o caminho para uma nova dramaturgia e uma nova maneira de fazer teatro, um teatro de caráter nacional e popular.

A primeira montagem no início desta jornada em junho de 1967 foi "Pedro Mico" de Antônio Callado, em montagem do Grupo Persan de Santos, sob liderança de Otto e Florence.

Teria sido mais fácil teoretizar em torno do teatro popular como tantos fazem. Mas uma renovação teatral não se faz nunca no campo teórico, a renovação tem que vir através da ação, através do espetáculo e no caso concreto, através do contato entre o espetáculo e o povo na rua.

"Pedro Mico" é uma peça de morro, assim nos morros de Santos teve sua estréia, para prosseguir com suas apresentações pelos morros afora, pelos bairros populares, vilas de pescadores, fábricas, quartéis, navios, escolas, sendo apresentado em toda parte onde havia condições de reunir uma assistência.

O objetivo de Otto e Florence era mudar a face do teatro nacional, por o teatro a serviço da comunidade, renovar o teatro em contato com o povo e as realidades nacionais. Para isto



No porta-aviões "Minas Gerais" a apresentação de "Pedro Mico" na campanha de Teatro Popular

era necessário expandir a campanha — e assim foi feito. A própria repercussão dos primeiros espetáculos, da jornada pelos morros de Santos, fez surgir outros grupos de teatro popular — em outras cidades —, outros Estados.

Otto e Florence começaram a viajar, realizando ciclos de conferências sobre "História do Teatro Mundial" — "Panorama do Teatro Moderno" — "Drama e Povo" e outros temas. A convite de governos estaduais, prefeituras, universidades, faculdades, entidades estudantis e outras transmitiram através destes ciclos sua visão do teatro, da sua história, do seu presente. Esta visão renovadora do teatro que através das conferências transmitiram, influenciou profundamente milhares de estudantes que assistiram suas conferências em dezenas de cidades brasileiras e ao mesmo tempo fez surgir novos grupos de teatro popular em oito Estados brasileiros.

Teatro em zona rural, teatro como preliminar de jogos de futebol, teatro para discutir os mais diversos problemas locais, foram as novas experiências, que esta campanha de teatro de rua foi realizando.

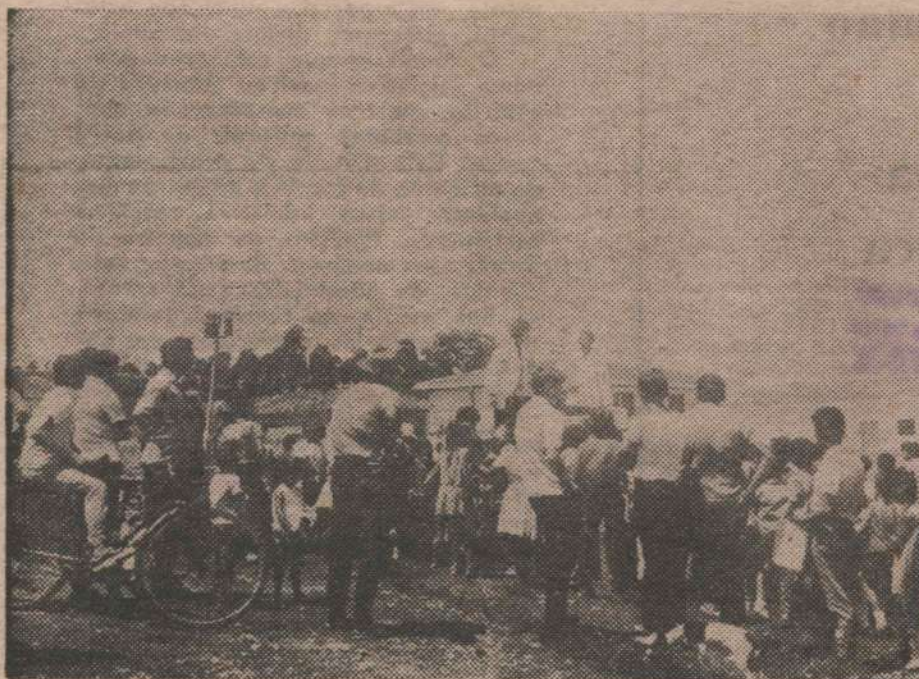
Otto e Florence não procuraram estabelecer regras para o novo teatro popular. Cada grupo trilhava seu próprio caminho e continua trilhando seu próprio caminho, aproveitando só quando o deseja as experiências alheias. O teatro popular é um processo, as experiências várias estão sendo feitas e a própria dramaturgia está sendo escrita. Otto e Florence limitam-se a aconselhar, informar, estimular ou frear, conforme o caso, mas de resto, cada grupo continua na sua, e todos em conjunto realizam este grande debate de rua, dos nossos problemas, das nossas ansias, das nossas realidades.

É uma jornada consciente de cinco anos, mas com muito caminho ainda a percorrer. É a renovação do teatro nacional que se realiza na rua.

É uma esperança de realização cultural do nosso povo.

Por isso tudo o "Teatro ao Encontro do Povo" é tão importante.

É uma voz, a voz do nosso País, a voz do povo, uma voz que se faz ouvir, uma voz que está na rua... e grita.



O Grupo "Saveiro" apresenta "O Troco", de Domingos Pellegrini, nas ruas dos subúrbios de São Paulo



O "Masg" com "Morte e Vida Severina", de João Cabral de Melo Neto, dá a São Gonçalo seu teatro de rua

VOCÊ É GENTE!!! O Psykhé está com você

Não seja lançado em turmas numerosas — 100, 150 alunos,
onde o nível de aprendizagem cai assustadoramente.

CURSO PSYKHÉ

Eficiência, segurança e qualidade.
TURMAS INTENSIVAS EM AGOSTO

Rua. Gal. Roca, 778 — 6.º andar — Tel. 268-2095 — Rua do Catete, 347 Slj. 201

Cultura e Contracultura

Underground — Upperground — Middleground — Alternativas da evolução cultural.

As sociedades industriais, ao chegar na fase de consumo de massa, criaram para a maioria das suas populações um clima de abundância. O sucesso do sistema de produção em certos países, como nos Estados Unidos e outros superindustrializados, fez inclusive a muitos pensar que o problema das sociedades já não era mais "como distribuir" a produção, o que é o motivo de todas as diferenças políticas, mas que com a abundância, haveria tanto para todos, que "como distribuir" seria secundário. Trata-se no caso evidentemente de um erro de apreciação, pois o consumo de massa generalizado por todo planeta, iria acabar em bem menos de uma geração com todas as reservas de matérias-primas essenciais, se em geral fosse possível elevar a produção de bens com tanta rapidez.

As contestações que a sociedade de consumo gerou, não tem no entanto suas raízes em raciocínios assim. As contestações políticas e sociais quase não reexaminaram as novas situações e continuaram sua luta a partir das velhas trincheiras. A contestação vivencial — a contra-cultura, o underground, os movimentos hippies — a contestação jovem em geral, oferece uma reação emotiva, não-racional, instintiva, à sociedade predominante.

Estamos diante de um fenômeno típico apenas das sociedades mais desenvolvidas, pós-industriais, que tem para o resto do mundo importância, porque este sente seus reflexos. Nos países subdesenvolvidos, o empresariado, a sociedade bem, certas camadas intelectuais e universitárias, dão-se ares de uma "pós-industrialidade" totalmente fajuta e por outro lado, vasta parcela da mocidade urbana parte para a contestação prévia de uma sociedade de consumo em criação (ainda embrionária) e cria um **underground** de araque (embora justificável no plano vivencial e subjetivo).

Quais são afinal os aspectos da sociedade de consumo, que re-

sultam tão automaticamente neste tipo de contestação representado pelos hippies e movimentos underground?

A sociedade de consumo é totalmente utilitária, ela não está a serviço da comunidade, mas a serviço de si mesma. O problema é produzir e vender, vender o necessário e vender também o desnecessário. Criar o automóvel para facilitar o transporte, para depois entupir as ruas com automóveis, para tornar o transporte uma ficção e um pesadelo. Tornar tudo obsoleto, para vender novos objetos que um ano depois novamente estarão obsoletos. No processo de produção em massa, o aspecto criador, a produção artesanal, o componente humano, é posto de lado. O **establishment** do ponto de vista político, social, industrial e cultural torna-se rígido. A cultura em si torna-se institucional, o que aqui chamamos panelinhas, lá nos States e outros países pós-industriais são painéis, nos quais se refoga a evolução cultural a fogo brando.

O **establishment** cultural — encasacado, dispéptico — co-consumindo, comanda o processo cultural com sua batuta — Estamos diante do **Upperground**, da cultura estabelecida, uma cultura sorridente, cortez, urbana, empresarial: Coquetês para imprensa, tardes de autógrafos, o grande sociólogo aparece na TV, a "Painters Inc", firma de pintores de Los Angeles, não pinta as paredes de edifícios, mas fornece quadros abstratos ou não, assinados pelos sócios da firma (provavelmente os quadros têm garantia de funcionamento, qual liquidificadores, e o seguro contra roubo já está incluído no preço).

Com este **establishment** cultural tudo vira acadêmico, até a pintura abstrata e pós-abstrata e a música hiper-moderna. Os professores de filosofia, substituem os filósofos, e ruminam e re-mastigam sistemas de pensamentos anteriores e alheios, o original, o novo, o revolucionário, o criador ou é absorvido e aculturado ao **establishment** e ao consumo ou é repellido.

R.L.

A cultura **Underground** por sua vez não tem nada de autônoma, é uma cultura de reflexo, que representa a renegação do sistema estabelecido, da sociedade de consumo e do **Upperground** enfatuado e bitolado. Pertence a isso a tentativa de fazer as coisas fora dos circuitos comerciais, fazer filmes sem dinheiro, jornais sem dinheiro e sem anunciantes, filosofia sem compêndios, teatro sem os diálogos da sociedade burguesa, música sem instrumentos, ou com instrumentos novos, e tudo isso com base numa nova opção vivencial, no repúdio pessoal à vida circundante, do conforto da sociedade de consumo, do trabalho que ultrapassa as necessidades, do relacionamento social vigente e de tudo mais.

A dificuldade do movimento de contra-cultura reside no fato de não conseguir libertar-se do "contra", sempre continua um movimento de reação, sempre é apenas a outra face de uma moeda, gêmeo xifópago da cultura estabelecida.

Do contraste entre a vida na sociedade de consumo e sua contestação, só os hippies que vivem em comunidades conseguem escapar parcialmente, de resto o processo de aproveitamento e industrialização do movimento hippie está em andamento.

Mesmo assim os hippies e os movimentos contra-cultura não podem ser subestimados, com toda capacidade da sociedade de consumo integrar e consumir movimentos de contestação, estes continuam em expansão e continuam driblando as tentativas de institucionalização e congelamento.

Entre os dois extremos há também as tentativas de conciliação. Há muitos que conseguem conciliar o inconciliável, acendem uma vela a Deus, outra ao Diabo (quem será Deus e quem o Diabo no caso?) e realizam assim a síntese do não sintetizável, numa institucionalização do **Middleground**, que não é nem contra, nem a favor, muito pelo contrário.

COLUNA MUSICAL O SONHO PASSOU!

A. S.

"The dream is over" gritou John Lennon, mas outros continuaram a sonhar. O movimento de música pop cuja escalada na década de 60 resultou nos Beatles, diante da dissolução deste conjunto, teria que produzir outras constelações. O ambiente da música pop é uma jangal, onde a luta pela sobrevivência e ascensão é travada com denodo e ferocidade.

Hoje "The Who" é o conjunto inglês mais qualificado a ser sucessor legítimo dos Beatles. Na ascensão de "The Who" o momento nodal foi o lançamento da ópera pop "Tommy" criação de Townshend, guitarrista do conjunto. O sucesso mundial desta ópera, trouxe a "The Who" a aceitação oficial e um que de respeitabilidade, que souberam combinar com sua penetração constante nas camadas jovens.

Música para curtir, texto para ouvir — para entender até — um apelo simultâneo a camadas profundas de intuição e emoção e ao raciocínio através de um texto inteligente que usa recursos lingüísticos que tão realce a parte vocal. Vejamos um trecho de "Behind Blue Eyes" do seu disco "Who's next", gravação Polydor.

"Behind Blue Eyes"
No one knows what it's like to be
[the bad man]
To be the sad man behind blue eyes
No one knows what it's like to be
[hated]
To be hated to telling only lies
But my dreams, they aren't as
[empty]
As my conscience seems to be
I have been only lonely
My love is vengeance that's never
[free]
No one knows what it's like
To feel these feelings like I do.

PORTAS
ORNAMENTAIS
DE MADEIRA
O toque de
elegância

R. Visc. Pirajá, 640-C
Fabricação própria



CURSO MIGUEL.COUTO

Se você é vidrado(a) em prata e tem imaginação fértil

ANTHESSEBA

Dê sua sugestão e ela será
realizada, pois além de mil novidades
sensacionais, aceitamos encomendas

ARTESANATO DE PRATA. Rua Santa Clara, 33, 3.º, s/324

fumaca

Calças e Blusas

Av. Copacabana, 613-A

Academia
NINA VERCHININA

Ginástica e Dança Moderna

Rua Siqueira Campos, 43
Salas 528 — 532 — 536

FACHADA
PAPEL DE PAREDE
FELTROS — CAMURÇAS
RUA BARATA RIBEIRO, 806-A
Tels.: 257-3675 e 257-3695

Pronto Box
fábrica

- Portas para box
- Fechamento de áreas
- Esquadrias em alumínio
- Divisão de interiores
- Rebaixamento de tetos
- Revestimentos Vulcatex
- Revestimentos Vulcapiso
- Tapetes

Rua
Ronald de Carvalho,
154-A.
Tel.: 237-7584

Ternos
e calças
sob medida para
Homens e senhoras

DOMINGOS PASSANHA

Rua Siqueira Campos, 43/526, Tel.: 257-8682
Centro Comercial de Copacabana

ACADEMIA DE GINÁSTICA



GINÁSTICA feminina
masculina
Atendimento
especial para crianças

PROF. A. CARLOS
PROF. MENESCAL
PROF. ROGÉRIO

Av. N. S.
de Copacabana
n.º 500
s/ 306/7

FOIARÁ:

Nenhum bicho
sou da terra,
da terra escura
e tão feia.

Sou um pássaro da lua
da lua brilhante e cheia.
E da alta casta lunar
Me visto de folhas de ouro
De plumas de ouro e de prata.
O meu canto é o luar.

do bumba-meu-boi poético de Joaquim
Cardozo "De uma noite de festa"

ACADEMIA DE BALLET T. LESKOVA
Direção
TATIANA LESKOVA
Método da
Royal Academy of
Dancing
Av. Copacabana, 690,
8.º - s/ 801
Tel.: 255-1650

SAUNA VAPOR

Centro Comercial
Copacabana
Entrada pela
Siqueira Campos, 43
Av. Copacabana, 58
Subsalo 1
Tel.: 235-3482

ARTIGOS PARA PRESENTES DE TODA PARTE DO MUNDO
india house
AV. COPACABANA, 680
Subsolo loja-B

J. CIQUEIRA ADMINISTRAÇÃO

Av. Copacabana, 500/302. Tel.: 237-0434

Avisa aos srs. proprietários de imóveis em toda Guanabara
que se encontra apto a oferecer aos seus clientes um
serviço impar e criterioso no nosso ramo, estando nosso
departamento jurídico ao dispor dos nossos clientes
aguardando a presença de v. s. em nossa administração
a fim de que possamos indicar o seu imóvel a nossos
clientes que são selecionados e cadastrados.

Visite-nos sem compromisso. Diretor: Sr. Ciqueira

"TANGO"
Farsa de Mrozek
ou tragédia de Slavomir
Todos devem assistir!
no TEATRO TERESA RAQUEL
Mandem-nos suas opiniões
sobre os espetáculos
recomendados.

K-POW!
BOUTIQUE • UNISSEX

RUA SANTA CLARA, 33
SL. 204. TEL.: 256-9922

Uaz

A LOJA DAS BIJUTERIAS

Rua Visconde de Pirajá, 86,
subsolo, loja 7

mic-mac

TAMBÉM TEM BIJUTERIA
GALERIA CENTRAL COPACABANA
LOJA S/S E

**SEMPRE É DIA
DE SAUNA**

Forninho - Tratamento de
coluna
GINÁSTICA para ambos
os sexos

Cada um na sua -
a aula começa quando
você chega
Rua Siqueira Campos, 12, S/L

Chafariz

**PAPÉIS DE PAREDE
NACIONAIS E IMPORTADOS
FABRICAÇÃO PRÓPRIA
REVESTIMENTOS EM GERAL**

Feltro — Camurça — Veludo — Juta
Cânhamo — Tecidos
Av. Copacabana, 680
s/s loja D
Ed. Central de Copacabana
Tel.: 235-5916



**Belmira
INSTITUTO DE
BELEZA**

Supervisão médica
Tratamento de
rejuvenescimento com
ampolas de placenta
Depilação definitiva

Limpeza
de pele
com cura
de acne -
ambos
os sexos

Avenida
Copacabana
n.º 680
sala 1103
Tel.:
257-2082

**CASAMENTOS
BATISADOS**

RECEPÇÕES — FOTOGRAFIAS EM GERAL

Charleia

Reportagem Fotográfica
Rua Santa Clara, 33 - sala 901

No próximo
número
teremos uma

" SEÇÃO DE CARTAS "

escreva para

Caixa Postal 12.193
ZC-07 Rio GB.

PRESENTES

Rachel

RUA FIGUEIREDO MAGALHÃES, 231-C
TEL. 235-6479
RUA PRUDENTE DE MORAIS, 231-C
TEL. 287-4783

" Os mistérios
do amor
narrados em prosa e
verso por ilustre
cantador "
peça de Eduardo Borsato
ótima para teatro
de rua .
Edição do Serviço
Nacional de
Teatro .

HOJE É DIA DE ROCK

um espetáculo bacana .

Tem gente que
assiste
cada semana .

no
Teatro
Ipanema .

"O INTERROGATÓRIO"
peça de Peter Weiss
no GLAUCIO GIL .
Certas peças é necessário
assistir !
Certos assuntos é
impossível ignorar



**Lá na Modinha
BOUTIQUE**

Rua Visc. de Pirajá, 197-A — 247-2877
Rua Santa Clara, 74. Tel. 255-0919

PAPEL DE PAREDE



FABRICA: RUA HENRIQUE CUNHA, 539
— PETRÓPOLIS. TEL.: 42-7373

VAREJO — GUANABARA

— Av. Copacabana, 492 - 1.º - Tels.: 235-7096 — 236-5361
— Senador Dantas, 117-230
— Barata Ribeiro, 593

ORÇAMENTO A DOMICÍLIO



ENTREVISTA COM JESUS CRISTO

DE NEIVA

Era uma manhã de céu coberto, lá pelas 11 horas, eu estava lá no Arpoador, sentado nas pedras, na praia tinha pouca gente e eu... eu estava na fossa, ou não estava na fossa, sei lá, estava cismando, olhando para as ondas e não vendo nada, um cara veio chegando, sentou também na pedra, mais perto de mim do que devia, a uns três ou quatro metros de mim. "Po", pensei, "este cara, neste mundo apertado, não vê que aí nas pedras tem lugar pra um batalhão inteiro, estamos só nós dois, e ele senta logo aí, por que não fica na dele?"

Ao menos ficou calado, e eu, sei lá o que tinha aquele dia, acendia um cigarro no outro, olhava para o mar, e não via nada. Certa hora o cara falou: "O mar está batendo nestas pedras há tanto tempo", falou não para mim, falou, apenas, para ninguém em especial, para as pedras, para as nuvens, para o vento. Eu dei uma olhada melhor nele. O cara devia ter 20 a 25 anos, ou às vezes 27, 28, sei lá, não sei calcular idade. O vento brincava com seus cabelos compridos, uma barbona destas grandes escondia seu rosto. Nem alto, nem baixo, mais magro do que gordo, uma calça rancheira, uma camisa cor cinza ou azul, qualquer coisa assim, um cara como muitos outros caras que andam por aí, rosto sério de profeta, ou seria apenas barba de profeta? Sei lá, um exemplar a mais desta geração a que eu pertencço, uma geração ainda sem nome. Uma geração massacrada pelo famigerado progresso, pela necessidade de enquadramento, pelos quadrados, difícil a gente continuar a gente mesmo, o cabelo comprido não protege ninguém, nem a barba, nem a gíria, nem a recusa, nem... sei lá. A gente tem medo de ser engolido, tem medo que já foi engolido, de já estar vivendo no estômago da baleia, sem saber nada... Mas o caso que eu queria contar é outro, não estou falando de mim, m... de narcisismo que volta sempre, estava falando do cara aí.

Passados uns minutos, não sei se foram 5 ou 15, o camarada falou de novo: "E as pedras continuam aí, o mar continua aí e eu também continuo aí — o tempo passa — não muda nada."

Ele estava falando como se ele, as pedras e o mar estivessem aqui há séculos. "Não muda nada" ele tinha dito, ora se muda, pensei, o que será que tinha em Ipanema quando eu nasci? Lá em Minas, de onde venho, pouco mudou, lá é "a mesma praça, as mesmas flores". Aqui no Arpoador são as mesmas pedras, dos edifícios o cara nem toma conhecimento, vai ter perspectiva histórica assim na... na...

Mas deixa ele ficar na dele....

"Não houve pecado original" desta vez ele estava falando para mim. "Não houve pecado original, nem houve fruto proibido, isto são balelas, são histórias inventadas por quem deseja proibir."

A coisa era comigo, o cara estava voltado pra meu lado esperando resposta.

"Você não está um pouquinho fora de órbita, com esta sua história de pedado original e fruto proibido — fruto proibido numa sociedade de consumo é aquele que você não pode comprar e pecado, não sei se original ou sem originalidade é você não ganhar bastante tutu para comprá-lo." Pronto dei uma de intelectual, cara que senta nas pedras do Arpoador em dia cinzento pertence à Inteligência e eu estava sentado lá, se estava.

"Você está brincando com coisas sérias — você nega importância ao que tem importância — a idéia do pecado original e do fruto proibido está no fundo do seu ser — na raiz das suas inibições — suas e dos outros — e o trágico é que não houve pecado original não houve mesmo, as velhas mensagens foram falsificadas, por maus tradutores, gente tendenciosa, gente que interpretou a bíblia do seu jeito." O falar pausado do cara impressionava.

Olhe aí" eu disse "como você tem tanta certeza destas coisas, porque fala de maus tradutores, você conhece o original, o origi-

nal verdadeiro, existe tal coisa, que pito você toca afinal?" "Conheço" disse ele, "tenho razões para conhecer, sou Jesus Cristo". Quase levantei e fui embora, de loucos ando cheio, mas o cara tinha uma dignidade calma, uma maneira de falar tranqüila, pausada, cultivada e dentro de mim acordou o jornalista. Eu estava diante de Jesus Cristo, não importa se era Jesus só para ele, cada um na sua, ele estava na dele, que chance de entrevistar Jesus Cristo... Então antes de tomar qualquer resolução, falei:

"Como é isso? O que você quer dizer?"

"Ora eu sou Jesus Cristo, vejo que você não me toma sério, com muitos acontece isso, geralmente nem me dou a conhecer, sou Jesus Cristo sim, muitos que tiveram mais contato comigo já se convenceram disso."

"Então você é Deus ou Filho de Deus, sei lá. Como você me explica que você tá sentado aí no Arpoador nas pedras e conversando comigo?"

"Não falei que sou Deus — Sou Jesus, sei disso por certeza íntima, esta minha certeza recebeu a confirmação das minhas lembranças. Lembro de coisas, detalhes, episódios ocorridos lá na Galiléia, na Judéia, em Cafarnaum, em Jerusalém. Sem nunca antes me ter ocupado com o estudo da história, lembro fatos e detalhes que professores, historiadores, sacerdotes versados em estudos bíblicos levam semanas para examinar, para depois confirmar sua veracidade ou ao menos a exatidão do meu saber sobre a vida e costumes da época que transmitem. Como você explica isso?"

O cara falava de maneira tão equilibrada, tão calma, que era difícil tomá-lo por louco, de outro lado agora em pleno século 20, alguém aparecer e dizer assim sem mais nem menos: "Sou Cristo — não sei, não..."

"Não explico nada, nem interessa explicar, mas olhe aí, sou jornalista, você me interessa (tou de você com Deus, pensei) eu gostaria de fazer a você algumas perguntas, fazer uma entrevista em regra, você topa?"

"Entrevista para que jornal, e por que" ele perguntou com a calma dele.

"Eu trabalho para um jornal da sadia, um dos maiores daqui, mas a entrevista não seria para o jornal em que trabalho. Eu me comprometi dar umas colaborações para um mensário novo, chamado Teatro ao Encontro do Povo, um jornal de um pessoal que faz teatro de rua, lá não ganho nada, sabe, a entrevista seria para eles lá, sabe... topa?"

"Vamos ver, começa perguntar, depois resolvo."

Repórter: Em primeiro lugar pergunto novamente — Você é Deus ou filho de Deus?

Cristo: Eu já tinha falado, não afirmo que sou Deus — mas sou Jesus Cristo. Você deve saber que em Cristo há duas naturezas — a natureza divina e a natureza humana. Tenho certeza de não ter a natureza divina, não faço milagres, não transformo água em vinho, não curo doentes, nem faço ressuscitar os mortos. Sou Jesus — Jesus em natureza humana, a história da minha vida anterior como Jesus — o carpinteiro, ser humano sofrido, é para mim um livro aberto, minha memória traz à tona sempre novos detalhes — a pergunta está respondida?

Rep.: Espera aí, se minha cultura clássica não falha (aí dei uma de intelectual) com o que você afirma, você incorre em três heresias. Quando negou o pecado original caiu na heresia de Pelágio. Ao separar a natureza divina e humana de Cristo, você está caindo nas heresias de Ario e Nestório. Você não acha demais, um Cristo herético?

Cristo: A palavra heresia lembra intolerância — Há verdades e não-verdades — mas não há heresias.

Rep.: Vamos deixar isso para lá. O que você faz para viver?

Cristo: Sou funcionário público.

Rep.: Funcionário público?

Cristo: Ora, o Cristo histórico, eu historicamente, se você assim preferir, era carpin-

teiro, há hoje padres-operários, não pode ter um Cristo funcionário?

Repórter: E lá onde você trabalha, você fala sobre isso? Na sua repartição, eles sabem sobre você?

Cristo: Não, nunca falei com ninguém.

Rep.: Por que?

Cristo: Lá eu trabalho e uma parte da minha vida cotidiana na minha vida anterior fazia também meu trabalho, como carpinteiro, como qualquer outro carpinteiro, até que tudo mudou...

Rep.: E para você, tudo também vai um dia mudar? Vai largar seu trabalho? Vai pregar? Vai juntar discípulos?

Cristo: Não sei.

Rep.: Você espera que a história se repita, teme ser crucificado?

Cristo: Já pensei nisso, minhas certezas se voltam para o passado. Não sei nada do futuro. Hoje não se crucifica mais.

Rep.: Mas você teme?

Cristo: Tenho minhas horas de temor, não de ser crucificado, mas de sofrer... Acho que todos nós temos temores assim... Sou Cristo... Mas não me considero muito diferente dos outros.

Rep.: O que você pensa do mundo de hoje?

Cristo: O mesmo que você provavelmente, nós somos da mesma idade mais ou menos, da mesma geração... estamos num mundo sem sentido... num mundo que perdeu seu sentido... os pássaros ainda cantam? as flores ainda desabrocham? das fontes ainda sai água pura e cristalina? Os homens ainda amam? ainda poetam? Você de noite observa o céu estrelado? Você ainda se interessa por detalhes, vê o mundo em volta?

Rep.: Então você acha que as flores não desabrocham mais?

Cristo: Você não me entendeu... não quero dizer isto. Mas, diga, você pode responder estas perguntas com um grande Sim? O pequeno sim não interessa... não interessa dizer que os pássaros cantam na floresta da Tijuca, que as flores desabrocham num vaso do seu terraço, ou no Jardim Botânico, que alguns homens amam, quando têm tempo para tal, que você viu o céu estrelado quando esteve na semana passada à noite na praia...

Você me entende agora? Todos correm, trabalho, dinheiro, gastos, compras, prazer, carreira, rotina, sempre correndo, quando está parado, corre também, já estamos em 1972, como o tempo passa... Diga uma vez para onde correm todos?

Rep.: Tou pegando o que você quer dizer, você tem razão, toda nossa geração pensa a respeito de coisas assim, pensa, sei lá em que, mas pensa, e o resultado é que todo mundo acha que tem alguma coisa errada, sei lá, a gente faz coisas e não sabe por que

Rep. (continua): Mudando de assunto, você diz que é Jesus Cristo, você acha possível que além de você pode ter outros Jesus Cristo também?

Cristo: Acho que sim, por que não?

Rep.: Então se aparecer um outro dizendo que é Jesus, é possível que ele também tem razão — você acha isso?

Não seria uma contradição?

Cristo: Contradição por que? Você parece que tem a mania de querer entender tudo. Você acha que a razão explica tudo?

Rep.: Sei lá, acho que é assim mesmo, muita coisa não se explica. Acho que já tenho bastante matéria para a entrevista e de outro lado lá no jornal, meu ganha-pão me espera, mas teria ainda muita pergunta... você teria disposição para outra entrevista? Qual é o seu endereço se quiser procurá-lo?

Cristo: Não quero que publique meu endereço — nem que dê meu endereço para ninguém. Tá? Se se comprometer você terá o endereço.

Rep.: Pode confiar — Não sou Judas Iscariotes — disto tenho certeza... obrigado e tchau...

AS RAÍZES DO TEATRO

de OTTO BUCHSBAUM

É muito comum encontrar-se a afirmação que o teatro descende da religião. De outro lado também já se afirmou que as religiões primitivas têm sua origem em manifestações teatrais.

Ambas as afirmativas são simplificadoras. Teatro e religião têm origens diferentes.

A origem do teatro está no jogo cênico, e este jogo cênico não é só praticado pelo homem, mas também por um grande número de animais superiores.

O jogo cênico é uma imitação das atividades utilitárias. Nas espécies animais inferiores a totalidade das forças orgânicas destina-se às funções vitais, enquanto nos animais superiores há um excedente de forças, que os jogos cênicos utilizam.

Os animais caçadores dedicam-se a simulacros de caça e luta. Seus jogos cênicos são uma representação dramática da perseguição de uma presa, isto é, a satisfação ideal dos instintos destrutivos, sem a sua satisfação real.

O jogo cênico, tanto entre os animais como entre os homens, nasce da vontade de experimentar novamente o prazer provocado pela aplicação prática das forças e pelos reflexos condicionados pois da aplicação das forças, isto é do trabalho, resulta o comer, sentir calor, estar abrigado e assim por diante.

O jogo cênico é pois filho do trabalho — não existe nenhuma forma de jogo cênico que não tenha como modelo qualquer atividade utilitária.

Há no entanto outro aspecto a considerar. O jogo cênico, a simulação de atos úteis, tem relação com o processo de aprendizagem. É difícil estabelecer o limite entre o jogo cênico apenas destinado a queimar energias e causar prazer e o treinamento que usa situações fictícias como preparação para reais.

A imitação pura e simples de atividades utilitárias não é no entanto ainda uma manifestação teatral. Para isto é necessário que se torne um meio de comunicação.

Entre os homens primitivos desenvolveram-se inicialmente jogos cênicos imitando processos de caça e coleta. Em fase posterior, mas ainda bem antes do surgir das primeiras religiões (a religião necessita do pensamento abstrato) surgiu a idéia de representar cenas de luta e caça, para contar estas proezas à comunidade tribal. Mais ou menos na mesma época o homem primitivo começou a imitar os animais em torno, pensando assim que poderia aumentar seu número ou atraí-los assegurando uma boa caça. Evocar animais por meio de uma representação é uma idéia mágica, mas ainda estamos bem longe do surgir das religiões. Evocar no caso é um prolongamento do atrair — e atrair ani-

mais imitando por exemplo seus gritos é uma idéia bem real, que em muitos casos dá certo (pios de passarinho).

Neste período da pré-história (há cerca de trinta ou quarenta mil anos) teatro, dança, música e ritos mágicos começam a tomar forma. Sendo que a dança deriva dos mesmos jogos cênicos que o teatro.

Em período bem posterior, as manifestações teatrais e os ritos religiosos que surgem começam a desenvolver-se em conjunto. As máscaras que foram criadas para imitar melhor os animais adquirem significado mágico. Cria-se cerimônias de iniciação que exigem diálogos, com outras representações procura-se atrair chuvas e aumentar as colheitas.

Na continuação da aliança teatro-religião o teatro começa a servir à religião como meio de comunicação, enquanto a religião serve ao teatro como tema.

Não é possível descrever as diversas fases desta evolução. Estamos no terreno das extrapolações. As conclusões que tiramos são baseadas no estudo das comunidades primitivas contemporâneas e nos conhecimentos que a antropologia histórica e outras ciências nos transmitem.

Com relação ao teatro é de suma importância fixar sua gênese. Pois aceitar o teatro com limites estreitos e regras definidas, apresentar o teatro historicamente como descendente de cultos religiosos e desligado dos processos produtivos, representa não só uma deformação histórica, mas também um subsídio para a elitização teatral.

Quando Aristóteles na sua Poética procurou explicar a natureza e a origem do drama grego, deu ênfase a imitação e ao fato de que todo nosso aprendizado está baseado na imitação. Realmente neste imitar, que é sustentáculo do processo educativo, encontramos também o representar, o tornar presente.

Assim uma tessitura densa de imitações, representações e aprendizagens acompanha a evolução humana. O homem aprende a andar, comer, articular a voz, caçar, fazer fogo, evitar a dor, fugir ao perigo e quanta coisa mais absolutamente necessária à vida e ao desfrute do prazer, através da imitação, e cada vez que imita, mesmo de maneira rudimentar, está roçando o teatral.

Ligado a isto temos os ritos mágicos que o homem utilizava para tentar dominar a natureza.

Vejamos como surgiram as máscaras tão importantes no teatro primitivo. Afirma-se geralmente que as máscaras do teatro têm origem religiosa. Parece mais lógico afirmar que têm raízes utilitárias. O caçador primitivo tinha grandes

dificuldades de se aproximar das suas presas. Suas armas primitivas não lhe permitiam matar à distância, sua capacidade física não era suficiente para alcançar a caça saltando ou correndo. Seu artifício é um disfarce, uma pele de animal que veste para depois se aproximar imitando os movimentos do animal. Isto facilita a aproximação e torna a caça mais fácil. Na volta da caça a mesma pele de animal servia para nova representação, desta vez para contar a façanha.

Este "contar a façanha" torna-se celebração. A luta fingida entre o caçador e sua presa antecede ou sucede ao banquete do qual o grupo todo participa. É preciso considerar que a vida do caçador é incerta, nem sempre a caça de animais de porte é freqüente, há intervalos em que o grupo todo se alimenta apenas de raízes, frutos e animais pequenos. O evento da caça é festejado, sem que nesta festança haja ainda fatores mágicos ou religiosos.

As máscaras, que são artifício e disfarce do caçador, com o correr dos tempos tornam-se augouro de boas caçadas. Aí começa a aparecer a magia — o caçador dança e representa antes de partir para a caça. Ele acredita que imitando os animais ele pode evocá-los e, imitando sua morte, favorece a caça posterior.

Nas representações e danças dos povos primitivos encontramos grande número de exemplos destas magias propiciadoras. Nesta fase inicial das manifestações teatrais, a dança foi a linguagem mais importante. O teatro falado, dialogado vem mais tarde.

Quando numa certa fase da evolução, os homens, na tentativa de explicar o mundo, fazem surgir distinções entre matéria e espírito, animando o mundo com "espíritos de pedras" "de árvores" "de rios" e "de animais", as máscaras que antes serviam para a caça e as representações de caça começam a tomar outro sentido.

O espírito do animal que o homem representa auxilia a dominar o mundo em volta, através da magia.

No totemismo, os animais se tornam símbolo da clã, este símbolo se torna tabu e nenhum irmão totêmico pode comer a carne do animal sagrado. Nesta fase as máscaras de animais e sua imitação tomam um papel dominante nos rituais. Com isto estamos na fase do teatro de caráter religioso.

A festa de iniciação, pela qual o jovem se torna homem, é outro passo importante. Nestas cerimônias procura-se incutir no jovem que deve respeitar as tradições, os animais totêmicos, os líderes da tribo, os mais velhos, os antepassados, as leis morais, além de outros preceitos para uma vida útil à comunidade. Estas cerimônias são

de caráter dramático, dialogado, pois é necessário interrogar o iniciante. Dos ritos de iniciação ao teatro formal e dialogado é apenas um passo.

Nesta evolução do drama primitivo, através dos meandros do animismo, fetichismo e totemismo, os primeiros feiticeiros e sacerdotes das tribos assumiram o papel de guia, podemos dizer que estamos diante dos primeiros diretores de cena e dramaturgos.

O presente artigo tem como base a obra em elaboração "História do Teatro Mundial" de Otto Buchsbaum. Nos números seguintes haverá outros artigos sobre a evolução teatral. No próximo número teremos "O Teatro nas primeiras civilizações históricas", tratando do teatro no velho Egito, Sumeria, Creta, China, etc.

"História do Teatro Mundial" no Clube de Engenharia

A partir de 20 de setembro Otto e Florence Buchsbaum realizarão no auditório do Clube de Engenharia um ciclo de conferências sobre "História do Teatro Mundial". Nesta promoção cultural destinada não só aos sócios do clube mas ao público culturalmente interessado em geral, os conferencistas oferecerão uma visão geral do teatro desde as suas origens na pré-história até a atualidade. Todas as conferências serão ilustradas por cenas de peças. Estas cenas de peças que serão apresentadas por atores especialmente treinados, formarão uma antologia do teatro mundial desde a velha Grécia até as vanguardas de hoje.

O movimento "TEATRO AO ENCONTRO DO POVO", recebeu contribuições das seguintes firmas e pessoas: Planeta Comercial Imobiliária Ltda., Galeria Marte 21, Vivara Comércio Importação Exportação, Sarau Modas, Smuggler Boutique Ltda., Velha Bahia Móveis Ltda., M. Bruckner, Externato Guirlandia, Kurt Deichmann, Darril Soares de Vasconcellos, Wilson Dray, Socila Campo Grande, Casa Valente Rádios Ltda. — Campo Grande, A Pendula Rural — Campo Grande, Maria Pompeu, Fernando Lebeis, Silva Massair, José Vasconcellos, Henrique da Silva, Papus Boutique, Foto Aszman, Instituto Brasileiro de Yoga — Prof. de Rose, Modas Pop Ltda., Foto Fernando e Stúdio Gilne, Elena Modas, Móveis Plásticos, Cipri Móveis e Decorações Ltda., Livraria Carlitos, Casa de Móveis Cherem, Krishna Boutique, Bambolona Boutique, Escala — Galeria de Arte, Produtos Alimentícios Vercelli Ltda., Vivenda Decorações e Interiores Ltda., Click Boutique Ltda., Depósito de Fábrica de Móveis Pirajá, 623, Sentier Modas Ltda., Otica Roxy, Canton-Bale.



MOTO DISCOS

Ra Rodrigo Silva, 7-C

METRÔ DISCOS

Rua Uruguaiana, 109-A

MOTO TIJUCA DISCOS

Rua Conde de Bonfim, 263-A

RARIDADES

O impossível em discos é a nossa especialidade
Variedades em clássicos, estéreo, Jazz, Fitas virgens e gravadas

LIVROS — EXCEPCIONAL SORTIMENTO DE LIVROS USADOS
COMPRA — VENDA — TROCA

LIVRARIA ARCADIA

Rua 1.º de
Março n.º 18
Tel. 224-7088

Expediente:
Publicação cultural da campanha
"Teatro ao Encontro do Povo"
dirigida por Otto e Florence Buchsbaum.
Caixa Postal 12.193 ZC-67
20.000 Rio de Janeiro GB.

Composto e impresso
nas oficinas do "Correio da Manhã"

A Epopéia de Gilgamesh e o Dilúvio

Os tempos heróicos da Suméria

De OTTO BUCHSBAUM

Os velhos tempos de grandeza quando os soberanos da Mesopotâmia consideravam-se os senhores do mundo, já foram descritos na Bíblia.

Para Isaias e Jeremias o país entre Eufrates e Tigris era o centro de tudo, onde se fazia a história. Devido às pesquisas arqueológicas realizadas nos últimos oitenta anos, já temos hoje uma imagem clara da evolução cultural da Mesopotâmia, mesmo antes do período descrito pela Bíblia. Assim sabemos que antes da Babilônia e Assíria existiam duas outras culturas altamente desenvolvidas, a da Suméria entre 3.300 e 2.400 A.C. e a da Acádia entre 2.400 e 2.170.

A história das antigas civilizações da Mesopotâmia, sua forma de vida, literatura, religião etc. está sendo reconstituída na base de dezenas de milhares de placas de argila cobertas de inscrições cuneiformes, descobertas em escavações e que estão sendo traduzidas e classificadas.

A maior parte destas placas contém registros econômicos e administrativos, mas existem também algumas milhares de placas com obras literárias, poesias e evocações religiosas. Deste acervo literário surgiu a epopéia de Gilgamesh, senhor de Uruk, herói principal dos mitos sumérios e babilônios.

O Ciclo de Gilgamesh, que conhecemos principalmente através de versões babilônicas dos Séculos XVII e XVIII A.C., do qual temos no entanto também fragmentos da sua versão original suméria do Século XXV ou XXVI A.C., é portanto a mais velha obra literária da qual temos notícias.

Gilgamesh, que a epopéia descreve, era rei de Uruk, um herói que não admitia nenhum rival, e que oprimia seus súditos de maneira tirânica.

Os habitantes de Uruk, ciosos da sua liberdade, queixaram-se aos deuses e estes concluíram que Gilgamesh se comportava de uma maneira tão tirânica, por não ter encontrado entre os homens quem pudesse enfrentá-lo.

Por isso encarregaram Aruru a deusa-mãe da missão de forjar um competidor para Gilgamesh, para assim por fim à sua soberba. Aruru molda em argila o poderoso gigante Enkidu, que é destinado a vencer Gilgamesh e abrandar assim o seu caráter. Mas em primeiro lugar é necessário que Enkidu a quem Aruru deu vida, se humanize. Isto fica a cargo do amor de uma mulher. Através

Na primeira coluna a escrita pictográfica do 4.º milênio aC de acordo com achados arqueológicos em El Obeid (próximo a Ur) em Uruk etc. nas camadas inferiores.

Na segunda coluna uma escrita simplificada pré-cuneiforme de cerca de 3.000 aC, na terceira coluna a cuneiforme antiga usada por sumérios, acadianos e babilônios, e na quarta coluna a cuneiforme nova dos assírios, a chamada escrita minivita (de Ninive — capital assíria).

desta experiência amorosa Enkidu se torna homem, perde seu aspecto de brutalidade animal e adquire novas dimensões intelectuais e espirituais.

Gilgamesh já tinha sido avisado da vinda de Enkidu e desejoso de conhecê-lo convida-o para um banquete. Enkidu revolta-se com o ambiente de libertinagem em que Gilgamesh vive e começa uma luta entre os dois. Mas subitamente o combate entre os gigantes é interrompido, a cólera desaparece e os dois adversários lançam-se um nos braços do outro, como começo duma longa e inalterável amizade, que se torna lendária pelas façanhas em que os dois se envolveram.

Os dois amigos e heróis começam uma jornada conjunta, buscando a aventura e o perigo. Assim enfrentam Huwana o guardião da floresta dos cedros e quando Anu o Deus do céu manda o Touro Celeste devastar Uruk, enfrentam a gigantesca fera e conseguem matá-la.

Os deuses não apreciam as façanhas dos dois heróis e a aliança de Enkidu com Gilgamesh, por isso dão a Enkidu uma doença mortal.

Gilgamesh não se conforma com a morte do amigo, e mais ainda com a conclusão que tira do evento, que todos são mortais. Gilgamesh não aceita a fragilidade da sua fama e glória que conduz ao fim fatal, a morte.

Um único homem no passado, perdido nas névoas da idade heróica da Suméria conseguiu alcançar a imortalidade, trata-se de Ut-Napishti o monarca bondoso e sábio que reinava em Shurupak, uma das cinco grandes capitais de antes do dilúvio. Gilgamesh parte ao encontro deste imortal para conhecer o segredo da vida eterna. Quando no final duma longa viagem cheia de perigos chega a presença do velho rei, as informações são decepcionantes.

ARCAICA	MEDIA	CUNEIFORME ANTIGA	CUNEIFORME NOVA	SIGNIFICADO
				CABEÇA
				MÃO
				AVE
				SOL DEUS
				OLHO
				PEIXE
				CIDADE

Ut-Napishti conta a história do pavoroso dilúvio que os deuses enviaram à terra para exterminar os vivos. Em Ut-Napishti identificamos logo o nosso Noé bíblico. Ele conta que o Deus da Sabedoria Ea o aconselhara a construir um grande navio onde deveria acolher os animais do campo, para que depois do dilúvio a vida pudesse continuar.

Nesta descrição suméria do dilúvio, não falta também a história do pombo que parte no sétimo dia e outros detalhes da história bíblica.

Quanto à imortalidade, o nosso Noé — Ut-Napishti, conta que foi um presente dos deuses, do qual ele não conhece o segredo.

Diante do desespero de Gilgamesh o bondoso rei imortal conta a história da planta da eterna juventude que cresce bem no fundo do mar.

Gilgamesh mergulha até o fundo das águas, encontra a planta, e volta triunfante para Uruk. Mas a vontade dos deuses era outra, por isso enquanto o herói se banha num rio uma serpente rouba-lhe a planta.

Em torno desta história existem várias variantes. Na versão suméria Enkidu não morre mas é aprisionado por Kur um demônio do mundo inferior.

Com referência a Enkidu temos também fragmentos duma versão que conta sua ressurreição e outra de fonte suméria que faz voltar à terra a sombra de Enkidu aprisionado.

A idade heróica da Suméria cujos episódios centrais são a his-

tória de Gilgamesh e Enkidu, precede em quase dois mil anos a época dos heróis homéricos.

Anterior ainda à epopéia de Gilgamesh, é a história de Enmerkar e Lugalbanda, que os poetas sumérios também cantaram e cuja época deve alcançar os 3.200 A.C.

Enmerkar, filho do deus Sol Utu, reina em Uruk, mas sua situação é muito difícil diante da invasão dos Martu, que sitiavam a própria capital. Enmerkar quer pedir auxílio a sua irmã a deusa Inana; o herói Lugalbanda é seu mensageiro, ele atravessa corajosamente as sete montanhas do país de Ansan, enfrentando sozinho todos os perigos, até chegar a Aratta, onde Inana governa. Existem ainda muitos outros poemas cujas figuras centrais são Lugalbanda e Enmerkar. Além disso a pesquisa continua, existem ainda dezenas de milhares de placas babilônicas e sumérias não traduzidas e nem suficientemente examinadas, as novas escavações produzirão novos achados, novos textos, novos objetos de arte.

Os véus que envolviam o passado vão sendo removidos, as novas versões de velhas histórias permitem-nos traçar novos paralelos.

E conforme vamos examinando a vida do homem do passado, mais semelhanças encontramos com o mundo de hoje. É um mundo só, mesmo na dimensão temporal.

Leblon onde o Sul é mais Sul

BABITINHA

MATERNAL — JARDIM
PRÉ-PRIMÁRIO
ESCOLINHA DE ARTE
Assistência Médica e Psicológica
R. CARLOS GOIS, 161. T. 227-5503

JAIR BARROS

MAQUIADOR A DOMICÍLIO
Todos os tipos de maquiagem
RUA DO OUVIDOR, 135
Fones: 242-4203 — 222-6651

Scurti-som

BICHO, CURTE HOJE
O SOM DE AMANHÃ
CURTI-SOM
Av. Ataulfo de Paiva, 143-A
Fone: 287-3136

ma

MOBÍLIA ATUAL

TIJUCA
Rua Haddock Lobo, 303-B
Tel.: 234-3123

LEBLON
Av. Ataulfo de Paiva, 80-D
Tel.: 267-1727

DHD ACADEMIA DE BELEZA

R. Carlos Góis, 71. Tel. 267-7972

Cristina Gurjão

Av. Bartolomeu Mitre,
297-B

Bar e Restaurante Degrau



Av. Ataulfo de Paiva, 534



DEBRET Móveis e Decorações
AV. ATAULFO DE PAIVA, 1015-A
TEL. 227-2521
3as e 6as até 22 horas.

Alvaro's - Bar

A MAIOR E MELHOR WHISKE-
RIA DA ZONA SUL

Almoços e Jantares

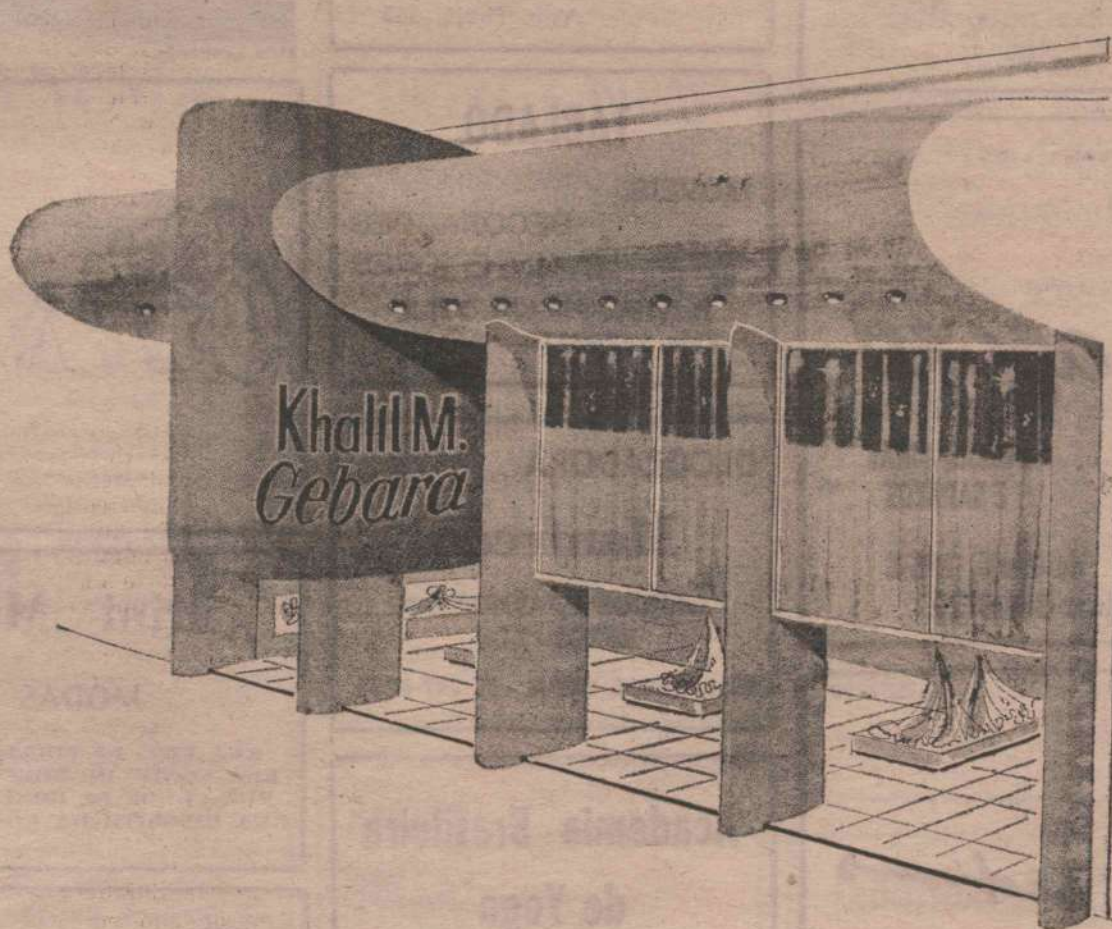
AV. ATAULFO DE PAIVA, 500
TEL. 227-7739

CINE
FOTO
SOM

STUDIO DELACROIX

Rua General Urquiza, 67-C

As maiores
novidades
em
tecidos



KHALIL M. GEBARA

RUA DO OUVIDOR, 135

AV. N. S. COPACABANA, 960-B

RUA CONDE DE BONFIM, 426 (PRAÇA SAENZ PEÑA)

CURSO BANDEIRANTE

Maternal - Jardim - Alfabetização
Musicalidade - Inglês - Expressão
Corporal - Dramatização
Rua Maria Quitéria, 85



CREAÇÕES

Scarppe

CALÇADOS

Fabricação Própria
Preço de Fábrica
Fazemos Encomendas Rápidas

RUA SANTA CLARA, 33
Loja 222 — Copacabana

CALÇADOS BOLSAS



DE LUXO

Rua Santa Clara, 33, s/223, 255-4700
Av. Copacabana, 581, Ljs. 345/6, 255-4733
Rua Antônio Basílio, 95, 234-8771
TIJUCA



MODAS INFANTIS E JUVENIS

RUA VISCONDE PIRAJÁ, 500-A
IPANEMA — RIO GB

Rodarie

DECORAÇÕES

Tecidos Para Cortinas e
Estofados

Rua Visconde de Pirajá, 228-C
Tel. 247-1272

HELSINGØR



SANDUÍCHES DINAMARQUESES
R. Garcia D'Ávila, 77 — Térreo
Tel. 267-8601

CREI

BOM GOSTO

PRESENTES

Visc. Pirajá, 365

TABLADO

MÓVEIS

DECORAÇÕES
INTERIORES

R. VISC. PIRAJÁ, 291-A
Tels. 267-9897 — 267-8251

DECORADORA

Manfredo

TECIDOS P/ CORTINAS
ESTOFADOS

Visc. Pirajá, 431-A - F. 247-8254

**Academia Brasileira
de Yoga**

Direção de Léa Mello

R. Visc. de Pirajá, 318
s/I 201 — Tel.: 267-3303



vestimentas

MODAS

RUA VISCONDE DE PIRAJÁ,
306-A

Tels.: 227-3051 — 287-0769

A SAGA DE IPANEMA:

De que maneira nascem os mitos, como surgem as sagas?
Eis perguntas fundamentais para quem queira
compreender os homens, para quem pretenda
interpretar o processo histórico.

Não creio que haja respostas
gerais que explicam os processos
de mitificação, desde os versos gre-
gos até às sociedades pós-indus-
triais.

Não importa também tanto de
onde vêm os mitos e as sagas, não
importa tanto examinar a sua gê-
nese complexa, pois bem mais im-
portante é a influência dos mitos
na evolução das sociedades.

A grande saga nacional tem ca-
ráter rural. É o Nordeste árido,
vidro de aumento dos problemas
nacionais, que tem inspirado ro-
mancistas e poetas, tornando-se
terra das nossas lendas.

Mas o Brasil de hoje, não é mais
este "país essencialmente agríco-
la" de ontem, a civilização urbana
e industrial avançou e como conse-
quência lógica e natural os mitos
urbanos teriam que aparecer, pois
a tendência humana para a ideal-
ização e mitificação é inata.

Como se explica a mitificação
de Ipanema, como padrão de avan-
ço urbano, de vanguarda intelec-
tual, de florescimento artístico, co-
mo local de concentração de mo-
renas tropicais, de boêmios cons-
cientes, de jovens em ebulição —
e afinal como centro onde a vida
urbana brasileira pode buscar seus
exemplos.

Até que ponto, o que eu cha-
mo "saga de Ipanema" é algo que
os modernos meios de comunica-
ção criaram, até que ponto certas
figuras destacadas que elegeram
Ipanema como seu habitat, colabo-
raram nisto, até que ponto O Pas-
quim em tempos recentes, espal-
hou as lendas ipanemenses entre
os jovens de todo País?

Não tenho resposta pronta a to-
das estas perguntas, mas constato
o fato que a "Saga de Ipanema" já



Foto Leonardo

Maternal Jardim Fundamental
Completo

Artes

Estudo dirigido

Inglês
Audiomaterial

Excursões

End: Aníbal de Mendonça, 27 Tel. 2-673277
Barão Jaguaribe, 182

TEM MUITA GENTE
ANUNCIANDO CURSOS DE INGLÊS



pelo subconsciente, pelo método
audio-visual etc., etc.

NÓS TEMOS TUDO ISSO E AINDA
ENSINAMOS V. A FALAR INGLÊS

SCURY INSTITUTE OF LANGUAGES

R. Visc. Pirajá, 371 (em cima do Bruni-Ipanema)

Mini Max

MODAS

RUA VISC. DE PIRAJÁ, 167-A
RUA CONDE DE BONFIM, 263-C
RUA CONDE DE BONFIM, 11-H
RUA HIPÓLITO DA COSTA, 12-B

Boutique de Prata

EXCLUSIVIDADES
JOIAS — PRESENTES

Rua Barata Ribeiro, 348 — Sala 203
Tel. 257-7095

Rua Visconde de Pirajá, 437-C —
Tel. 287-1843

Rua Santo Afonso, 252 — Loja F
Tijuca



BOUTIQUES

Para compras em atacado
procurem

"CLEIDE BIJOUTERIAS"

Av. Copacabana, 680 — Sala 405



LANÇAMENTOS

R. VISC. DE PIRAJÁ, 188-B
RUA DO CATETE, 347-B - 265-7050
AV. COPACABANA, 1083-A —
TEL. 256-1968

o nascer de um mito urbano

existe, o mito urbano em torno de Ipanema já nasceu — outros bairros também são conhecidos em escala nacional, mas em torno de nenhum outro surgiu este halo mágico, que torna Ipanema símbolo de um modo de pensar, de um padrão de comportamento, de um avanço cultural e artístico, que o Brasil novo almeja alcançar.

Até que ponto a "Saga de Ipanema" corresponde à realidade de todo dia? As sagas sempre têm seu fundo de verdade, mas sempre têm também suas idealizações e mitificações, senão evidentemente não se trataria de sagas. O prosaico é deixado de lado, o poético, o invulgar, o insólito realçado.

Quem mora em Ipanema, quem participa do seu cotidiano, não compreende facilmente porque este seu bairro significa para tanta gente algo especial, porque a "Saga de Ipanema" empolga tantos.

Este processo de idealização e mitificação significa para Ipanema também uma responsabilidade, a

missão de corresponder como padrão de vida urbana, e centro de cultura e artes, ao que dela se espera.



stella

TECIDOS DECORATIVOS

CORTINAS — PASSAMANARIA

RUA VISC. DE PIRAJÁ, 592-B
Tels. 267-1980 - 267-0534 - 267-8831

ACADEMIA

DE

GINÁSTICA

IPANEMA

GINASTICA

ESTÉTICA E CORRETIVA
FEMININA E MASCULINA

Teixeira de Mello, 87, 3.º andar.
Tel.: 267-3400

Debret

DEBRET MÓVEIS E DECORAÇÕES

Av. Ataulfo de Paiva, 1015-A
Tel. 227-2521
3.ªs e 6.ªs até 22 horas

Aleerim

Candinha, Gisah, Ruthinha e as Reginas — Teixeira e Costard — estão esperando por você no ALECRIM — com enxovais, roupa de cama e mesa, lingerie e algumas novidades para homem.

VISC. PIRAJÁ, 86-B
TEL. 287-2686



BLAZERS

CALÇAS

TERNINHOS

Visconde Pirajá, 86 sl-9

REI DAS CALÇAS

TEL. 235-3735

- CALÇAS UNISSEX PARA ELE E PARA ELA
- ARTIGOS FINOS

VISC. PIRAJÁ, 188-D
AV. COPACABANA, 1150-B



EQUIPAMENTOS DE SOM
NACIONAIS E ESTRANGEIROS
O ESTÚDIO DO SOM HONESTO

FITAS E DISCOS IMPORTADOS

Rua Visconde de Pirajá, 646-B — Tel.: 267-0725



COZINHA ITALIANA
E INTERNACIONAL

SUGESTÕES DO NOSSO CHEFE

- Coelho à piemontesa
- Cabrito c/broccolis ao alho e óleo

PRAÇA GENERAL, OSÓRIO, 53
Tel.: 267-9909

KISS
a nova livraria

Best-Sellers

Os Melhores Lançamentos

Livros Infantis

XEROX NA HORA

RUA GOMES CARNEIRO, 131-B
Ipanema — Tel. 267-8300

LUCENA E FILHOS

FOTÓGRAFOS

Ipanema:

Rua Paul Redfern, 61
Tel. 287-3299



A
REVOLTA
DOS
BRINQUEDOS

Rua dos Jangadeiros, 35
Tel.: 287-0657

**ANDRÉ
BOLSAS**

ARTESANATO

Fábrica e Varejo

AV. COPACABANA, 647/302

Ipanema:

RUA MARIA QUITERIA, 70 —
SOBR.



LUIS ARLINDO
CARLOS FERNANDES

OS DOIS AGORA JUNTOS PARA
Projetar e Decorar com muito carinho
Tels. 261-1728 e 258-1548



- ★ CONDOMÍNIO
- ★ LOCAÇÕES
- ★ VENDAS

Carneiro
de Mendonça
Imóveis Ltda.

AGÊNCIA IPANEMA

R. Teixeira de Mello, 31-F
Tels.: 287-1341 - 287-4720

**ARTESANATO
TANIMEKKO**

Estamparia de Tecidos
Visc. Pirajá, 611 Loja 9

Ginástica Feminina

MUSICADA
Judô Infantil

Rudolf Hermann

Visc. Pirajá, 585 s/201
Tel. 287-2020

História do Teatro Mundial

PANORAMA DO TEATRO MODERNO

Ciclos de
conferências
que transmitem
a nova visão
de teatro de
Otto e Florence
Buchsbaum.



Para o movimento "Teatro ao Encontro do Povo" as conferências sobre teatro que Otto e Florence Buchsbaum têm realizado neste Brasil afora, tem sido um importante instrumento de expansão.

Através destas conferências a visão de um teatro aberto a serviço da comunidade recebe sua fundamentação histórica e teórica.

Ao mesmo tempo, das próprias conferências, surgem os núcleos iniciais de novos grupos de teatro popular. Isto se processa da seguinte maneira: Todas conferências de Otto e Florence são ilustradas pela apresentação de cenas de peças, para que a assistência tome um contato vivo com os diversos estilos de teatro, com o teatro de todas as épocas. Grupos de voluntários são treinados paralelamente às conferências para a apresentação destas cenas, que interrompem as explanações teóricas dos conferencistas. Destes grupos de voluntários surgem geralmente os novos grupos de teatro popular que Otto e Florence estão espalhando pelo Brasil.

Em toda parte estes ciclos de conferências têm oferecido uma visão global da evolução e atualidade teatral, trazendo um enriquecimento cultural aos que se interessam por teatro ou mesmo apenas por literatura teatral. O sucesso tem sido constante, os ciclos de con-

ferências têm sido realizados para assistências grandes, atingindo o interesse geral. E mais, tem sido característica nestas promoções um ambiente de entusiasmo e de interesse cada vez crescente, relativamente raros em iniciativas culturais.

Abaixo reproduzimos o programa do ciclo de conferências "História do Teatro Mundial" que é realizado em sete conferências:

1) TEATRO DA ANTIGUIDADE:

As origens na Pré-História. Teatro ritual no Egito, na Suméria e China.

Teatro grego: Evolução dos ditirambos, do drama satírico, da tragédia e comédia. Tragédia pré-esquiliana. Destaques para Esquilo, Sófocles e Eurípides. A comédia dórica. Aristófanes — a comédia velha. A comédia média e nova. Menandro. O mimo popular e literário. Teatro romano: Origens populares e rituais. Fescenia-Atella. Etruscos. Influência do helenismo. Destaques para Plauto, Terêncio e Sêneca. A decadência. O circo. Teatro sânscrito: Origens no reino de Ashoka. Influências do budismo. Destaque para Kalidasa. Cenas de Agamemnon de Esquilo, As troianas de Eurípides, As Nuvens de Aristófanes. Trechos de Plauto e Terêncio. Shakuntala de Kalidasa.

2) TEATRO DA IDADE MÉDIA:

Sobrevivência do mimo popular. Nascimento do drama litúrgico. Mistérios, milagres, moralidades. Os grandes ciclos de mistérios. O papel do teatro na sociedade medieval. Milagres evoluem para assuntos mais profanos. A moralidade como drama de idéias. A comédia popular. O teatro oriental contemporâneo da Idade Média européia. O teatro chinês dos "Moços do Jardim das Peras" até a época mongólica. Evolução do drama Nô Japão. Kyogen, o interlúdio cômico. Seami Motokiyo. Cenas de Quem Quaeritis, Lamentação das três Marias, Adão, O milagre da mulher que Nossa Senhora protegeu de ser queimada, Everyman, O aluno errante no Paraíso, de Hans Sachs. Drama de Lamento Fúnebre (irlandês do séc. 8), Buzu (um kyogen-farsa japonesa completa).

3) TEATRO DA RENASCENÇA E DO BARROCO:

Renascença italiana. Ariosto, Tasso, Maquiavel e Beolco. Teatro elizabetano e jacobino. Shakespeare — precursores — contemporâneos. Ambiente teatral — organização material. Marlowe, Kyd, Jonson. Século de ouro hispânico. Gil Vicente — transição entre Idade Média e Renascença. Lope de Rueda. Lope de Vega. Tirso de Molina. Velez de Guevara, Cervantes, Calderon. O teatro barroco, suas características. Cenas de Fausto de Marlowe. A comédia dos erros e Hamlet de Shakespeare, A farsa de Inês Pereira de Gil Vicente, Numância de Cervantes, Fuente Ovejuna de Lope de Vega, A vida é sonho de Calderon.

4) TEATRO CLASSICO:

Uma síntese do classicismo e das reações românticas. Classicismo francês. Jean de Mairat e as três unidades aristotélicas. Acentuação do antropocentrismo. Destaques para Corneille, Molière e Racine. Evolução posterior com Voltaire, Marivaux e Beaumarchais. As fases da evolução na Alemanha: Tempestade e Investida — Classicismo de Weimar — Romantismo. Destaques para Lessing — Lenz — Goethe — Schiller — Grillparzer. Na Itália. Commedia dell'Arte e guerra literária Goldoni-Gozzi. Metastásio e o libretto literário. Evolução no Japão. Surge o Kabuki. Teatro clássico da China. Síntese de drama, música, poesia e dança. As convenções do teatro clássico chinês.

Cenas de O Cid de Corneille, Casamento forçado e Tartufo de Molière, Fedra de Racine, Wallenstein de Schiller, Pobreza e Nobreza d'Alma de Kotzebue, Mirandolina de Goldoni, Tumulto no Reino do Céu (drama de Pequim).

5) TEATRO MODERNO:

Tendências e rótulos. Caminhada para o realismo. Naturalismo. Revolução teatral de 1910. Papel dos grandes encenadores. Volta ao Teatro anti-ilusionista. Destaques para Ibsen, Strindberg, Tchecov, Synge. O Renascimento das formas. O novo teatro poético. Expressionismo. Teatro neo-barroco. Influências asiáticas no teatro europeu. O'Neill e a busca de novas formas.

Teatro épico. O teatro moderno na Ásia e África. Cenas de Casa de bonecas de Ibsen, As três irmãs de Tchecov, O playboy do mundo ocidental de Synge, Longa viagem noite a dentro de O'Neill, Dona Rosita, a solteira e Bodas de Sangue de García Lorca, Crime na Catedral de Eliot, Vidade de Galilei e O sr. Puntilla e seu criado Matti de Brecht, Pirandello, O Canal da Barba do Dragão de Lao She, A epopéia de Soudiata Keita (africano).

6) TEATRO DE VANGUARDA:

As origens. O absurdo na história do drama. Jarry como precursor. Influências do cinema mudo. Dadaísmo. Surrealismo. Apollinaire, Breton, Artaud. Vanguarda francesa. Outras Vanguardas. Cenas de Rei Ubu de Jarry, A Donzela, o marinheiro e o estudante de García Lorca, Cantora Careca, Rinocerontes e Presidente de Ionesco, Esperando Godot de Beckett, Ilha sem nome de Tardieu, Pastoral de Hildesheimer, O Animador de Osborn.

7) TEATRO BRASILEIRO:

Manifestações pré-teatrais dos índios. Teatro jesuítico. Os palcos no séc. 18. Comédia de costumes. Teatro de Boulevard. A Semana de Arte Moderna e sua influência no teatro. Vestido de Noiva, Teatro Popular não-literário. Danças dramáticas. Evolução moderna da temática rural e urbana. Abertura do teatro. Teatro ao Encontro do Povo. Cenas de Auto da Pregação Universal de Anchieta, Capital Federal de Artur Azevedo, mamulengos de Januário de Oliveira e Ariano Suassuna, A moratória de Jorge Andrade, Vestido de Noiva de Nelson Rodrigues. Eles não usam black-tie de Guarnieri, A revolução dos Beatos de Dias Gomes, O Coronel de Macabira de Joaquim Cardoso, Olho Mecânico de A. C. Carvalho, O Auto da Compadecida de Ariano Suassuna.



HOMENAGEM

DOS ALUNOS DO COLÉGIO
AFONSO CELSO DE CAMPO
GRANDE A OTTO E FLORENCE
BUCHSBAUM PELO QUINTO
ANIVERSÁRIO DA CAMPANHA

Teatro ao Encontro do Povo.

COLÉGIO AFONSO CELSO

CAMPO GRANDE

PÁGINA DO LIVRO

GEORGE

1972
ano internacional do livro

Abrimos neste mensário uma página do livro. Nesta procuraremos ser principalmente noticiosos, comentando o que existe nas livrarias, tanto na literatura de ficção, como na literatura especializada nos mais diversos campos do saber. Só em casos especiais iremos até a apreciação crítica de certas obras. Quando fizermos crítica, estaremos sempre certos das limitações desta atividade, que consideramos

de caráter subjetivo, como disciplina artística, sabendo manter a distinção entre crítica literária e análise de textos. Com referência a certos campos, como teatro, cinema, artes, história, literatura, etc. pretendemos publicar guias bibliográficos que abrangem tanto as publicações nacionais como as estrangeiras, como colaboração com os estudiosos do assunto.

TEATRO AFRICANO

Tema interessante para os que se interessam pelo teatro que surge no terceiro mundo em geral e queiram traçar paralelos com a evolução do nosso teatro.

Através de revistas especializadas e da imprensa mundial tomamos conhecimento da ação de Aimé Césaire, que levou o teatro africano para a Europa. Surgem nomes como a de Efua Theodora Sutherland que dirige o Estúdio de Drama de Acra, ou do dramaturgo e diretor haitiano Felix Morriseau-Leroy também em ação em Ghana. O sucesso de Obadze (Reincarnação) do dramaturgo Saka Acquaye merece também algumas referências na imprensa e quem tiver na ponta da língua o nome do encenador nigeriano Kola Ogunmola, certamente já se considera versado em teatro africano.

Neste quadro de falta de informações sobre o teatro da África, é preciso saudar especialmente a série "théâtre africain" que o editor francês Pierre Jean Oswald publica desde 1969. Vamos citar uma série de obras já constantes desta coleção: Cheik A Ndao O Exílio de Albouri (L'exil d'Albouri), A Decisão (La Décision).

O autor Sidi Ahmed Cheik Ndao é senegalês. Com a peça O Exílio de Albouri ganhou o primeiro prêmio do festival cultural pan-africano de Alger de 1969. É uma peça da história africana, que conta eventos do poderoso reino de Mali. Ndao é professor da Escola Normal W. Ponty, onde o teatro africano de expressão francesa nasceu. A própria tendência

em prol duma revisão histórica iniciou-se também nesta escola.

A Epopéia de Soudiata Keita outra peça histórica africana, que tanto sucesso fez nos palcos da África foi escrita por um coletivo de estudantes desta Escola Normal.

Daniel Boukman Madinina Ilha Escrava (Madidina, Ile Esclave... ou Chants pour hâter la mort du temps des Orphée). Daniel Boukman é da Martinica e vive atualmente na Argélia. Sua obra é ligada a atualidade da Martinica e tem teor altamente poético.

Charles Nokan As Desgraças de Tchakô (Les Malheurs de Tchakô). Charles Nokan é da Costa do Marfim. Sua peça é ligada a atualidade africana, uma atualidade surpreendente surge dos diálogos da peça, que mostra uma sociedade africana muito mais evoluída e consciente do que geralmente se imagina.

Ola Balogun, Shango e O Rei-Elefante (Le Roi-Éléphant). Autor nigeriano, atualmente com 27 anos, lança no prefácio a pergunta: "Pode um escritor africano adotar a tradição teatral do Ocidente, sem procurar integrá-la na sua própria herança cultural?" A resposta dele é não. Na sua peça Shango que é um drama em três atos, a moda ocidental, ele mostra como ele imagina um teatro de conteúdo e reformulação africana. Novamente estamos diante de uma peça de caráter histórico.

Shango é um rei do período mítico dos Yorubas, a peça é uma rediscussão desta figura legendaria do ponto de vista da liberdade africana.

Gérard Chenet El Hadj Omar — Gérard Chenet autor haitiano

que vive na África, estuda nesta peça outro herói da história africana. É a tentativa de unir o quadro de uma guerra santa, a problemática do sincretismo religioso, para destacar dentro desta moldura a figura do El Hadj Omar (El Hadj significa peregrino, é um título adquirido pelos que fazem uma peregrinação a Meca) na sua dimensão humana e histórica.

Auguste Macouba, Eia! Man-maille là! O tema é a insurreição popular de 1959 em Martinica. A peça tem caráter revolucionário e o autor usa um pseudônimo.

Condetto Nénékhaly-Camara Continente-África, Amazoulou. O autor é da Guiné. Em Continente-África aborda o choque entre a África e a colonização branca. Em Amazoulou estabelece um paralelo com a peça anterior cuja figura central é Antar, poeta e guerreiro do século 7 (autor de Sirat, Antar, escrito em árabe) enquanto Chaka o chefe Zulu se destaca na segunda peça. Em conjunto Antar e Chaka oferece uma nova visão da África.

Charles Nokan Abrahama Pokou e A Voz Grave de Ofimoi. Outra incursão do autor da Costa de Marfim na temática histórica.

No conjunto destas peças notamos: Grande preferência pela rediscussão da história. Conteúdo poético e épico. Não há preocupação com realismo cênico. Mas a história é sempre relacionada com a realidade atual. É interessante que um levantamento da dramaturgia da Índia e em menor escala da Indonésia levaria a conclusões semelhantes.

Remessas de livros para Georg — Caixa postal 12.193 — ZC-07 — Rio — GB.



"TEATRO MODERNO"

ÚLTIMOS VOLUMES

ARIANO SUASSUNA	
"A Pena e a Lei"	6,00
TH. H. WHITE	
"Cesar no Rubicão"	10,00
JOAQUIM CARDOZO	
"De Uma Noite de Festa"	5,00
ARCHIBALD MacLeish	
"J. B."	10,00
PEÇA SEM COMPROMISSO	
nosso catalogo completo	

Livraria Agir Editora

Caixa Postal 3291 — ZC-00

Rio de Janeiro — GB

Enviem-me

seu catalogo 1972/73

Nome

Rua, Cidade, Est.:

LIVRARIA SÃO JOSÉ — RUA SÃO JOSÉ, 70

O MAIOR EMPÓRIO DE LIVROS USADOS DAS AMÉRICAS.

300.000 VOLUMES SOBRE TODOS RAMOS DO SABER HUMANO.

LIVROS NOVOS E USADOS SOBRE TODOS OS ASSUNTOS.

RUA SÃO JOSÉ, 70 — RIO DE JANEIRO — FONES 252-3037 - 222-8975

CONHEÇA O TEATRO NAS SUAS FONTES

Mais de trinta livros, todos eles contendo um estudo crítico sobre o autor da peça, sua obra em geral, sua posição dentro do Teatro Universal e uma análise da própria peça em questão. Uma Coleção Vozes que vai dos clássicos gregos até os grandes de hoje. Traga este anúncio e receberá descontos especiais de até 50%. Esta promoção vale somente até 30 de agosto.

EDITORA VOZES — Rua Senador Dantas, 118-I, em frente ao antigo Taboleiro da Baiana, Rio — GB.



DDTIZAÇÃO

INSETISAN

227-
228-
246-
247-

9797

é um pouco mais caro
mas é muito melhor...

PRESIDENTE PAPEL AREDE

Solicite a visita sem compromisso
de nosso decorador para orçamento

TELEFONES: 264-3043
232-2054
222-9279

DURÁVEL — LAVÁVEL —
INSETISADO

Financiamos em até 24 meses

LOJA TIJUCA: Rua Antonio
Basílio, 95 — 1.º and.

Esq. da Pinto de Figueiredo



Curso Scala

**Supletivo (Art. 99)
Especializado**

- Professores com larga experiência
- Aulas com projeção de Slides
- Apostilas Grátis
- Testes de Aproveitamento
- Salas com Ar Condicionado

* Turmas em Início *

• Rua General Roca, 913 — 6.º andar
Tijuca — Ao lado do Bob's

IMÓVEIS VENDA - COMPRA - ADMINISTRAÇÃO

Temos a solução adequada para qualquer
problema do ramo imobiliário

- ★ Direito Imobiliário
- ★ Legalização de documentos
- ★ Contratos, distratos, informações de
imobiliário
- ★ Imposto Transmissão
- ★ Documentos em geral
- ★ Legalização de firmas
- ★ Orientação em escrituras

ESCRITÓRIO JURÍDICO E IMOBILIÁRIO
DR. CARLOS AUD

Rua dos Araújo, 3, térreo
Tel. 234-3529 — Creci 2467

**Especializado em Casa-
mentos - Crianças - Festas**



Rua Carlos de Vasconcellos, 155
Gr. 201 — Praça Saenz Peña
Tel. 264-0761

Atende-se a domicílio
Fotos para documentos em geral

IMPORTADORA MADE - IN

PERFUMES
PRESENTES

NOVIDADES ESTRANGEIRAS
Gal. Roca, 858-C — Tijuca

ÔBA!

AS PERFUMARIAS CAR-
NEIRO OFERECEM UM
BRINDE AOS LEITORES.
VEJA NA PÁGINA
AO LADO

PATRICIA BOLSAS

RIO:
Largo do Machado, 29, sl. 203 —
Galeria Condor
Rua Conde de Bonfim, 370, sl. 210
Praça Saenz Peña
Rua Siqueira Campos, 143 — Loja 73
Shopping Center Copacabana
SÃO PAULO:
Rua Augusta, 2690 — Lj. 113 —
Gal. Ouro Fino

CIGANA Artigos Religiosos Ltda.

Rua Pinto de Figueiredo, 102-A.

Guias — Pombas — Imagens

Defumadores e Banhos etc.
Produtos Africanos

Grandes Variedades de Bijouterias
e Flores

SOL-CRIS MODAS E CABELEIREIROS LTDA.

ALUGUEL PARA NOIVAS
VENDAS E CONFECCÕES
Manicure — Depilação a Cera Fina
Rua Conde de Bonfim, 635, s/ 225
Tel. 228-1812

Tijuca — um Rio mais carioca

"Nasci na Tijuca, sempre morei na Tijuca" é uma afirmação que se ouve com frequência. Realmente, Tijuca é um bairro estável, um bairro de tradições — "Um Rio mais carioca". Mas o enorme progresso da Tijuca não pode ser atribuído a um crescimento normal da população. É evidente que de outros bairros e mesmo de outros estados afluem pessoas que conscientemente escolhem Tijuca como seu lar, como local para seu estabelecimento, consultório, escritório.

perspectivas de futuro. Neste sentido o bairro tem dois fatores decisivos a sua disposição. De um lado é ponto de confluência de toda Zona Norte, de outro lado, entre os bairros em posição destacada é o único que tem espaço físico para crescer.

O que será a Tijuca de amanhã? Continuará "um Rio mais carioca" ou a voragem do progresso tornará este bairro tão cosmopolita como os bairros de beira-mar? O desenvolvimento dos próximos anos começará dar a resposta. Aguardemos.

Neste caso pergunta-se o que dá finalmente a Tijuca este ar de estabilidade, de tradição, de uniformidade, em contraste com bairros de moda e de passagem? Escolher Tijuca para morar "não é propriamente uma opção, é um estado de espírito" afirmou-se e parece que tem muita verdade nesta frase.

O que anima tanto a evolução de Tijuca são suas



Foto Peres

ACELERAÇÃO DA HISTÓRIA

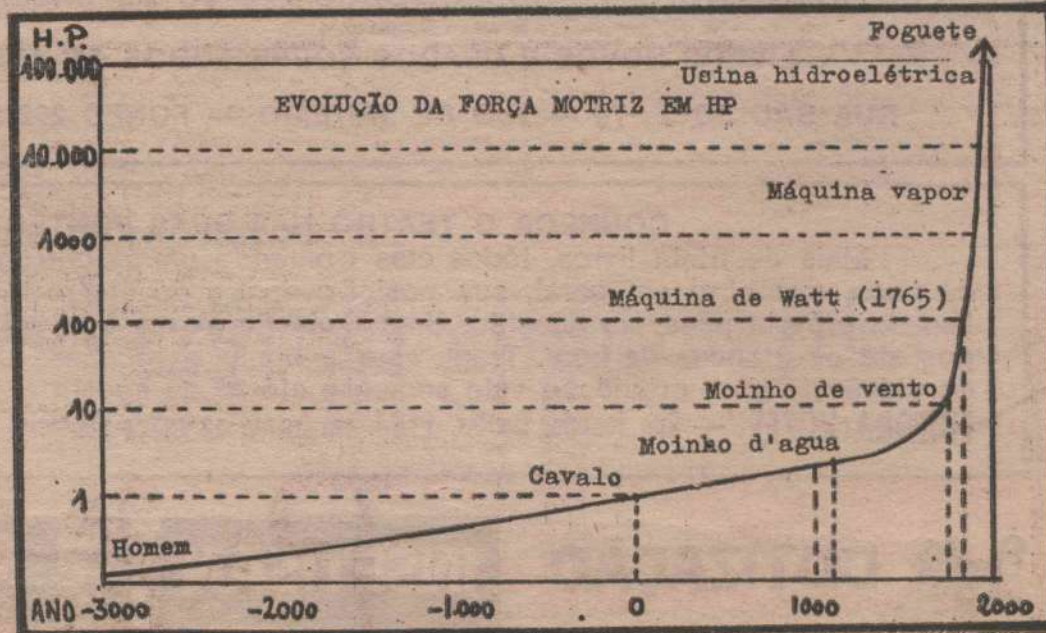
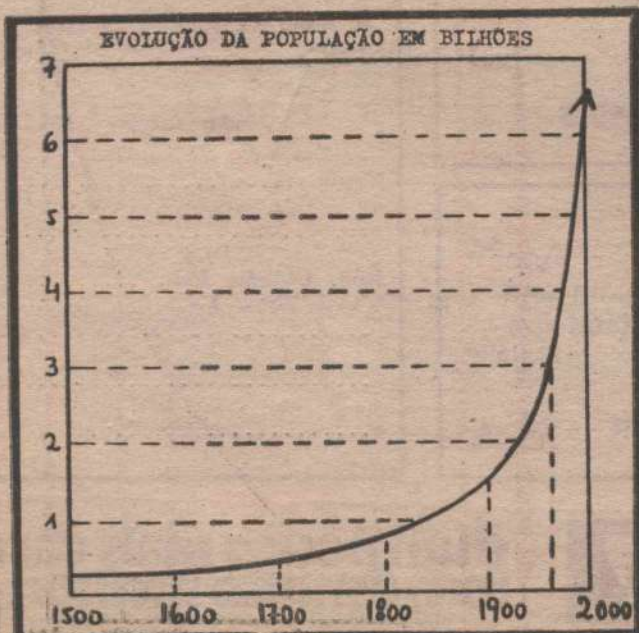
De GEORG

A evolução histórica obedece a uma lei de aceleração. A velocidade do decurso histórico cresce sem cessar. A consciência deste fenômeno é relativamente recente, data do século passado, mas atualmente já é possível determi-

nar as fórmulas matemáticas que correspondem a esta evolução.

Pela história dos últimos 200 anos, verificamos a rápida sequência de acontecimentos políticos e sociais. Re-

volução Francesa, Revolução Industrial, Expansão Colonial, Libertação das Colônias, 2 guerras mundiais, grandes modificações sociais e na estrutura de poder, aco-



PERFUMARIAS CARNEIRO
PRESENTES E PERFUMARIAS



Na apresentação deste anúncio, receberá grátis um vidro de perfume de Yves St. Laurent.

Rua Conde de Bonfim, 322

di Dom

Moda Masculina

Rua General Roca, 858-E
Tel.: 248-8584

STUDIO

CELIA REGINA

GINASTICA FEMININA

DANÇA MODERNA

BALLET

Rua General Roca, 913
Tel.: 247-8829
Tijuca

MINI MAX

MODAS

Rua Visc. Pirajá, 167-A

Rua Conde de Bonfim, 236-C

Rua Conde de Bonfim, 11-H

Rua Hipólito da Costa, 12-B

Termas Tijuca

ANUAL-MASSAGEM ELETRONICA-BANHO DE PARAFINA-LIMPEZA DE PELE

RUA CONDE DE BONFIM, 488/201

- Telefone: 258-6060 -

HORARIO:

FEMININO
3.ª, 5.ª e 6.ª feira — 8.00 às 17.31 horas
2.ª e 4.ª feira — 8.00 às 23 horas

MASCULINO
3.ª, 5.ª e 6.ª feira — 18 às 23 horas

SABADO E DOMINGO
8 às 23 horas

BRONZEADOR

Itala

A roupa jovem que você não pode deixar de curtir

Rua General Roca, 913 Loja 8 —
Tijuca — Tel. 264-4677

GALERIA MARAPUAMA

ótica STAR

LENTEs AOLITE (PLASTICAS) FOTOCROMATICAS VARILUX ETC.

CONSERTOS INTEIRAMENTE DE GRAÇA

Rua Conde de Bonfim, 480-B

Em frente ao Tijuca Tênis Club
Tel. 268-9131

No próximo número teremos uma "SEÇÃO DE CARTAS" escreva:

Caixa Postal 12.193 - ZC-07
20.000 - Rio - GB.

Tem sugestões para o próximo número?

Escreva:

Caixa Postal nº 12.193
ZC-07 - Rio

Dumba Boutique

Artigos Femininos

Rua General Roca, 913 - 5
Tel. 248-2364

Rua Silva Rabelo, 10-D Méier

INSTITUTO DE YOGA DA TIJUCA



Dr. Pereira dos Santos, 35/902

Praça Saenz Pena Ed-Sloper
Av. Copacabana, 1072-308.
Posto 5

panham as grandes modificações produzidas pela evolução tecnológica.

Importante neste contexto é a evolução da expansão demográfica. Há 20.000 anos atrás, nos tempos em que foram feitas as pinturas nas grutas de Altamira, a população da terra não deveria (conforme as estimativas) ainda alcançar um milhão. No começo do período neolítico já deveria estar perto de 10 milhões. De qualquer maneira levou algumas dezenas de milhares de anos para a população terrestre atingir o primeiro bilhão, o que aconteceu em volta de 1.870, depois em mais 130 anos houve um acréscimo de mais um bilhão, levou só 30 anos para a população mundial alcançar em 1960 o 3º bilhão, até 1975 seremos 4 bilhões, no ano 2.000 teremos ultrapassado os 6 bilhões, nos primeiros 7 anos do ano 2.000 a população deverá aumentar mais um bilhão.

A aceleração da tecnologia mostra curvas ainda mais acentuadas, na representação gráfica.

A evolução da força motriz, mostra uma evolução bem acentuada, desde a força humana que corresponde a um décimo de HP até o cavalo, moinho de vento, máquina a vapor, turbina e motor de reação, conforme demonstrado no gráfico.

A velocidade de locomoção através de veículos de transporte desde o carro puxado a cavalo, automóvel e avião até os astronautas, mostra idêntica evolução.

Se examinarmos os limites de precisão na fabricação de peças para máquinas, constatamos que em 1.830 este limite era 1 milímetro enquanto em 1930 era um centésimo de milímetro e hoje já ultrapassamos o milésimo.

Outro processo de aceleração reconhecemos no cres-

cente gasto de matérias-primas essenciais. Ao verificamos que nos últimos trinta anos gastamos mais carvão, metais, petróleo etc. do que em toda história anterior da humanidade.

Que conclusão devemos tirar de tudo isto?

De um lado a aceleração da história é um fato incontestável. De outro lado o desenvolver dos temas, sua representação gráfica e o prolongamento das curvas mostram a impossibilidade deste processo poder continuar.

Se prolongarmos a curva da velocidade de locomoção verificaremos que esta pouco depois do ano 2.000 deverá ultrapassar a velocidade da luz, considerada por Einstein e toda ciência moderna como velocidade absoluta, não ultrapassável.

Continuando a curva da precisão industrial na fabricação de peças, esta precisão deverá, também, pouco depois do ano 2.000, ultrapassar o diâmetro do átomo de hidrogênio, (isto é Angstrom ou seja um décimo milionésimo de milímetro), o que parece totalmente impossível a luz do que sabemos.

Da mesma maneira, traçando a curva do gasto de matérias-primas essenciais, concluímos que na sua continuação deveria levar a um total esgotamento dos recursos.

Por isto parece que o processo de aceleração da história deverá sofrer profundas alterações. Teilhard de Chardin fala no "Grande Acontecimento" que deverá alterar o curso da história. Cientistas falam na conquista do universo pelo homem, como nova meta para a humanidade, filósofos falam no fim da história, na volta à natureza, na busca da simplicidade e no recomeçar.

Os futurólogos trazem estatísticas para concluir sobre o mundo do futuro, que retratam como um milagre da tecnologia, enquanto outros falam numa nova idade média.

Onde está a verdade? Até onde cada um de nós é ator no processo que se desenvolve? Até onde somos apenas massa amorfa numa evolução cega, cujas leis ignoramos? Progredimos muito, todo dia achamos novas respostas, mas parece que todas as perguntas fundamentais continuam sem resposta.

Afinal, para onde vamos?

Nota adicional:

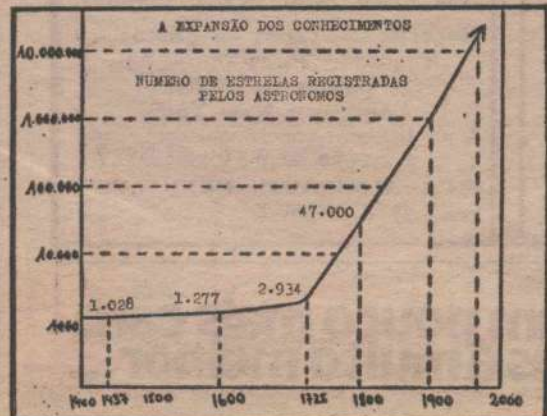
Todas as curvas que observamos nos gráficos correspondem a equações exponenciais. Por exemplo, o aumento da população corresponde à fórmula

$$P = \frac{9,6 \cdot 10^{11}}{(2.055 - t)^{1,27}}$$

onde P é população e t o tempo (a data), positivo quando após Cristo e negativo antes de Cristo.

Utilizando esta fórmula achamos 1.597 milhões de habitantes para 1.900, 1.984 milhões de habitantes para 1.925 e 2.955 milhões de habitantes para 1.960, o que corresponde aos dados estatísticos que temos. Para o ano de 2.000 a fórmula prevê 5.916 milhões de habitantes, previsão bem razoável.

Quem desejar calcular a população da terra na Idade Média, na Renascença ou na Idade da Pedra, verificará que os resultados equivalem às estimativas mais razoáveis.



COPACABANA:

A única fronteira direta com a natureza viável para uma grande cidade, é o mar. Nas fronteiras terrestres as cidades dissolvem-se em subúrbios, onde fica difícil dizer onde a cidade termina.



Foto Leonardo

E mesmo quando a cidade terminou, começou apenas a chamada zona rural, região de natureza modificada, domada e aviltada.

Para Copacabana sua faixa de praias onde cidade e natureza se encontram, significa muito mais do que um playground com quase cinco quilômetros de extensão e uma paisagem que enche os olhos.

A Copacabana de hoje com seus trinta e cinco mil habitantes por quilômetro quadrado pertence às regiões urbanas mais densamente habitadas do mundo. Sabe-se que a densidade populacional não é só dado importante com relação a problemas como poluição, congestionamento de tráfego e falta real de espaço para cada um. O aumento da densidade traz consigo também mudanças dos padrões de comportamento, que poderão resultar em verdadeiras mutações biológicas.

O espaço aberto do mar representa ao mesmo tempo reserva de ar puro e solução psicológica para os ataques de claustrofobia, de solidão na multidão de cansaço urbano que assaltam os cidadãos.

Cidade vertical a beira-mar — padrão de cultura urbana

Mas nem todas conotações que a densidade populacional traz são negativas. Para a formação de certos padrões de cultura urbana há necessidade de certos mínimos populacionais. Na Copacabana observa-se a formação de padrões próprios dentro das suas características de melting pot, que vai assimilando e aculturando gente de todas procedências.

O homem do futuro terá, em cada vez maior escala, que aprender a viver nas cidades verticais, sem renegar suas ligações com a natureza, sem esquecer suas raízes. Novos padrões de comportamento, novas maneiras de pensar e de sentir surgem nas concentrações urbanas do mundo para encontrar a simbiose homem-cidade-natureza.

Copacabana certamente dará suas contribuições.

**FREQUENTE A SEÇÃO
PERMANENTE DE XADREZ
NA PRAIA • BÔSQ-6
DEFRENTE A FRANCISCO SA
PROMOÇÃO DO CENTRO
EDUCACIONAL DE XADREZ**



**AGÊNCIA
MIRANDA**

Oferece bem-estar e conforto para as senhoras donas de casa com ótimas cozinheiras, copeiras(os), arrumadeiras, babás, motoristas, diaristas com documentos e referências.

GARANTIA DE UM ANO

TEL. 256-4693

AV. COPACABANA, 500/903



**Curso
Psi-co Einstein
Pré-Vestibular**

Psicologia — Comunicação — Letras
— Economia — Direito —
R. Internacional
Convênio — Apostilas gratuitas
Av. Copacabana, 1183 - 6.º and.
Entre Sá Ferreira e Souza Lima



Rio - New York - Paris - London
Records — Tapes — Discos —
Fitas
Depois de Paris
Londres e New York
Você também poderá conseguir aqui
o mesmo som da pesada
RUA ALMIRANTE GONÇALVES,
50-E

**M. D. COSTA
DECORAÇÕES**

TECIDOS

CORTINAS

BANDÓS E

ESTOFADOS

Executamos Serviços Para
Decoradores

**AVENIDA COPACABANA, 647
Sala 1105 — Tel. 235-1271**



LANDAU

DECORAÇÕES
Rua Barata Ribeiro, 345-L
Tel. 255-0454



**A
LOJA
DAS
BIJOUTERIAS**

R. Visc. Pirajá, 611, loja 17



VÁ A TEATROS

GRÁCIO

DECORAÇÃO DE INTERIORES
Rua Barata Ribeiro, 560, lj. b
Tel. 235-7385

**CURSO NANCY
de Línguas**

INGLÊS ÁUDIO-VISUAL
MATRÍCULAS ABERTAS

**Av. Copacabana, 647/503
Tel. 237-0699**

**Tuninha
BEBÊ**

R. Miguel Lemos, 51, loja D

FIGURINHA

CALÇAS ★ SENHORAS
★ MOCINHAS
★ MENINAS

**Av. Copacabana, 1170 —
Tel. 287-1916**

TANIA & WOLF

BOUTIQUE DE ÓCULOS

QUALIDADE INTERNACIONAL
Av. Copacabana, 680 — Loja M
Galeria do Cine Jóia

**Figurinha
CALÇAS** *Senhoras
*Mocinhas
*Meninas

Av. Copacabana, 1170 - Tel. 287-1916



**REALITÉ
MODAS
INFANTIS**

**Av. Copacabana, 1059-A.
Tel.: 255-1218**



Av. Copacabana, 581-C

Tel.: 235-5325



DDTIZAÇÃO

INSETISAN

227-
228-
246-
247-

9797

**e um pouco mais caro
mas é muito melhor...**

Snoopy's cave

HAPPENING!!!

Todas as noites com o novo e
quentíssimo Som Livre do Rio!
Das 22 hs. até ???

O lugar de encontro dos músicos
Consumação mínima somente
6.^a e sáb.

AR CONDICIONADO

Av. Copacabana, 1142
Tel.: 255-1365



**CRIANÇAS
E
GESTANTES**

Yamy & Baby

MODAS

Rua Miguel Lemos, 17-B
Tel.: 255-1221

destaque

MODAS

AV. N. S. COPACABANA, 1107
RUA ALMTE. GONÇALVES, 56

Curso de Teatro
no SESC em

Engenho de Dentro

O Sesc promoverá no auditório de En-
genho de Dentro um curso intitulado "TE-
ATRO AO ENCONTRO DO POVO" no qual
Otto e Florence Buchsbaum oferecerão
uma visão de evolução teatral. As sete
conferências do curso tem os temas se-
guintes: 1) Teatro da Antiguidade; 2) Te-
atro da Idade Média; 3) Teatro da Renas-
cença e do Barroco; 4) Teatro Clássico;
5) Teatro Moderno; 6) Teatro de Van-
guarda; 7) Teatro Brasileiro.

O curso será realizado na segunda
metade de agosto, aberto aos estudantes e
público em geral.

Expediente:

Publicação cultural da campanha "Te-
atro ao Encontro do Povo", dirigida por
Otto e Florence Buchsbaum, Caixa Pos-
tal, 12.193, ZC-07 — 20.000, Rio de Ja-
neiro — GE.



Casamentos e festividades
AV. N. S. COPACABANA,
583 — S/1211/12
Tel.: 255-4725

Matemática-Português
Aulas particulares
por método eficiente

Ginásio — Colégio — Exames
Concursos — Art. 99 etc.
Recados Tel. 235-6475/ou carta
para Professor, Caixa Postal
12.193 ZC-07.



**Uma boutique
que tem
de TUDO:**

Roupas habilées
Roupas prafrentex

R. Raimundo Correa, 27-A
Tel.: 256-3094

Cristais - Pratas - Porcelanas
Nacionais e Estrangeiros



Artigos Finos para Presentes

RUA FRANCISCO SA, 35-B

Tel.: 267-4455

DOGSTORE

BOUTIQUE CANINA

SALÃO
DE
BELEZA



Apanhamos e entregamos
seu cãozinho

R. Teneleiros, 153, lojas M-N

Isabelli
PRESENTES

JÓIAS EM OURO, PRATA
DE LEI E RELÓGIOS
RUA FIGUEIREDO MAGALHAES,
286-E — Tel. 255-4234

Inglês - Francês - Alemão
Português Para Estrangeiros

ROBERTO DE SOUZA
— LÍNGUAS

HILÁRIO DE GOUVEIA, 66
Tel. 237-3908 — S/ 401/2

Sixette

MODELOS EXCLUSIVOS
PARA GESTANTES

PRÉ-MAMAN CRIAÇÕES BEM AVANÇADAS
PARA BEBÊS E CRIANÇAS

AV. COPACABANA, 664 - LOJA 19

FONE 237-1134 — GALERIA MENESCAL



Stands - Painéis - Displays
Exposições - Decorações
Faixas - Silk-Screens etc.

Novo Tel.: 224-8902

CALÇADOS ORTOPÉDICOS — APARELHOS — BOTINHAS COR-
RETIVAS POR INDICAÇÃO MÉDICA — MOLDES EM GESSO —
CINTAS FUNDAS — COLETES EM GERAL

SAPATARIA SANTLER

Rua Siqueira Campos, 43
4º and. s/ 429/30 Tel.: 255-1115

Os nossos calçados e
aparelhos são rigorosa-
mente testados e manu-
faturados por orientação
de médico ortopedista.



CURSO RÁPIDO
E EFICIENTE

Auto Escola Rio
Amadores e Profissionais

Rua Barata Ribeiro, 364, Sob.
Tel. 255-4507

WEROLA

PAPEL DE PAREDE

PADRÕES

IMPORTADOS

EXCLUSIVOS

AV. COPACABANA, 807
Sala 404 — 236-0979

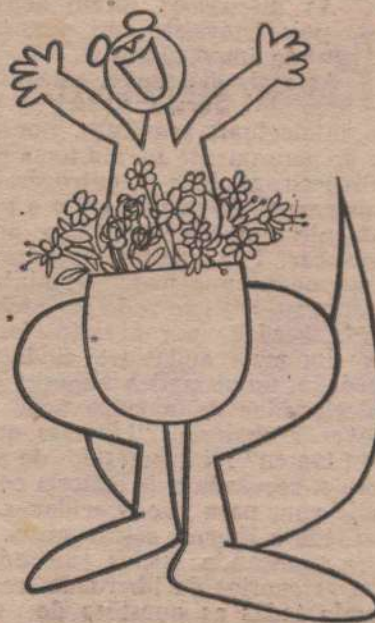
**Ginásio
Científico
Vestibular**

NO

Av. N. S. Copacabana, 435 — 12.º andar

VOU OBTER
OMEU DIPLOMA

KEPELL!
É FÁCIL



**Tudo para
Mamãe
e o Bebê**

**future
maman**

Rua Barata Ribeiro,
759-C — Tel.: 255-0440

Um tubarão na janela

De André Delano

Em São Paulo costuma faltar água. No ano passado, com a falta de chuvas, houve racionamento, represa vazia, torneiras secas. Depois começou a chover, as represas encheram, as baixadas inundaram e as torneiras, bem... as torneiras muitas vezes continuaram secas.

Mas, o que vou relatar agora, isto nunca tinha acontecido.

Quando acordei hoje de manhã, olhei, mas que coisa estranha, todo meu quarto estava inundado até o teto. Desesperado abri a janela e vi — tudo estava de baixo de água. Parecia Atlântica, o continente que sumiu no mar. Vi alguns tubarões nadando bem perto... que perigo, rapidamente fechei a janela.

São Paulo por baixo das águas! Que fazer? Corri ao quar-

to do meu pai, bati na porta com força. Meu pai atendeu sonolento. Expliquei que estávamos debaixo de água. Meu pai ficou furioso. Como isto pode acontecer? Ele perguntou, depois entrou no banheiro, abriu a torneira, saiu ar aos borbotões. Rapidamente fechou a torneira e falou: "Melhor economizar."

Minha mãe falou que a culpa da inundação tinha que ser do DAE. Pegou o telefone e ligou para lá. Ouviu glub, glub... tinha água na linha. Ai ela explodiu: "Não sei que brincadeira é essa, estava faltando água, mas não precisávamos tanta."

Finalmente do DAE um funcionário respondeu, sua voz estava meio abafada pelas águas, mesmo assim entendemos: "Madame, houve um dilúvio, por favor não nos culpe. Deus que mandou a água, ele é culpado."

Minha mãe retrucou: "Ontem a represa estava com 95% da capacidade, mesmo assim faltava água e hoje a cidade está submersa e os canos continuam secos, não meu velho, o DAE é culpado, deixem Deus em paz."

Meu pai abriu a janela, entrou nadando um tubarão. Minha

mãe deu um grito apavorado, mas meu pai expulsou o bicho a chineladas. Vida dura quando sobra água. Abri a torneira, deixei entrar um pouco de ar. Depois falei para meus pais que ia à cidade. Saí de casa, liguei meu carango. Não quis pegar, o coitado se afogou. Estas máquinas não sabem se adaptar. Resmunguei mal-humorado e decidi caminhar a pé. Lembrei com satisfação que agora que estávamos no fundo das águas, não mais iria haver chuvas.

Quando cheguei à Avenida São João, o trânsito estava engarrafado. Andei mais um pouco e logo vi o motivo. Uma baleia estava calmamente deitada na Avenida. Pensei: "Você vai ver, seu bicho, viva um pouco em São Paulo e vai ficar neurótica também." O bicho continuava deitado, que calma. Os choferes buzinaavam e gritavam palavrões.

Indignado, telefonei para o diretor do Departamento de Trânsito, este prometeu chegar logo. As horas se passavam, a baleia deitada, os carros buzinando e o ilustre não chega.

Todo mundo já estava de sa-co cheio, um xingando a mãe do outro.

Ao chegar o estimado dirigente do Trânsito, ele se desculpou. O motivo foi o engarrafamento. Quando viu a baleia impedindo o tráfego, quase desmaiou. Quando se recuperou disse: "Não bastavam nossos problemas comuns, agora também baleias."

Chegaram os peritos (em diluviologia), estudaram longamente a questão. Depois de profundas pesquisas e mútuas consultas concluíram: "Isto não poderia continuar assim."

Chegou a Polícia e imediatamente trataram de prender a baleia. Iam algemar suas nadadeiras, quando a baleia disse: "Vocês não me podem prender. Não sou peixe. De acordo com vossas instruções, devem prender só os peixes."

Confuso, se retiraram. Era uma vergonha. Baleia realmente não é peixe. Que falta de cultura!

Um caranguejo aproximou-se, mordeu o delegado e foi em cana. Lei de Segurança Nacional. Ele que prove que não é peixe.

De resto, a cidade estava gostando da brincadeira. Pela primeira vez tinha água à vontade em São Paulo.

Da liberdade

DE ACÁCIO

Nós queríamos realizar um simpósio, nós até sentíamos necessidade de realizar um simpósio, ou mais ainda sentíamos uma *Estranha Compulsão* (fita americana, em inglês *So long, Baby*) de realizar um simpósio. E nem nos faltava o tema, o simpósio iria tratar da *Liberdade*, escolhemos a liberdade como poderíamos ter escolhido a puberdade, calamidade, insanidade, raridade, sexualidade, artificialidade ou simplesmente a cidade. Mas enfim era a *Liberdade*.

Na sessão preparatória o Pêrsio Fidegundes Borges foi o primeiro orador. Ele disse que o assunto sendo a liberdade, era necessário em primeiro lugar definir e fixar a terminologia. Todos concordaram, e assim discutimos a fixação do término do simpósio. E como este deveria ser um seminário, comecemos a discutir qual a semana que deveria ser adotada.

Rejeitamos liminarmente a semana de 7 dias, pois tratando-se de assunto profano, não se deveria incluir o dia do Senhor, a semana de seis dias também não encontrou maioria, por perturbar a tranqüilidade do fim de semana. Alguns queriam a semana de 5 dias, mas por esta ter caráter comercial e por ter sido introduzida por formas americanas, resolvemos demonstrar independência (ou morte) do espírito e votamos livremente em unanimidade pela semana de três dias com começo na segunda, fixando assim a terminologia para quarta-feira.

O Pêrsio ainda não se contentou e reclamou que se deveria definir o vocábulo. Diante da nossa estranheza pelas ligações entre o vocábulo dele e a liberdade de todos, ele resolveu recuar, mas recomendou que se consultasse o dicionário sobre a palavra liberdade. Esta proposta sendo regimental foi acolhida e processou-se à consulta.

O dicionário confirmou-nos apenas o que já sabíamos. Afirmava que se tratava de um substantivo feminino de sentido muito complexo, tanto que o dicionário lhe dedicava quase uma página. Por proposta de Abelardo Koro-

tzki resolvemos enfrentar esta complexidade, decompondo a liberdade geral em tantas categorias quanto possível. Através deste procedimento científico nós queríamos chegar à raiz de todas as liberdades, a verdade última que se esconde atrás de mil biom-bos.

O próprio Abelardo propôs para início da conversa a liberdade de ir e vir, a qual outros acrescentaram a liberdade de vir e ir. Tratando-se em ambos os casos de liberdades ambulatorias, dependentes ou não dos meios de transportes, resolvemos formar uma comissão de transportes para cuidar do caso.

Liberdade política sugeriu alguém, e como toda expressão deve ter seu contrário, Sinfrônio nos trouxe a contribuição da liberdade apolítica. Ambas as liberdades foram remetidas para a comissão dos Assuntos do Estado.

O plenário do Simpósio examinou igualmente a liberdade econômica e a liberdade financeira. Certos assuntos foram de difícil classificação. Se alguém se vê livre das dívidas — isto será liberdade financeira? — e se outro se vê livre das suas economias (por obra e graça de um vigarista ou de um pangaré de pernas curtas) será que isto é liberdade econômica?

As discussões foram acirradas, pois tratava-se de assunto de grande importância.

As mais diferentes categorias de liberdade foram sugeridas pelos intelectuais presentes, liberdade de pensamento foi um tema que provocou grandes controvérsias, pois realmente quanta coisa o pensamento em liberdade não pode provocar? Por quantos meandros o pensamento não pode caminhar, quanta sujeira não pode vir à tona?

Liberdade pornográfica, sugeriu um mais audacioso ainda, liberdade numismática sugeriu um colecionador de moedas sem comover a maioria. "Libertas quae sera tamen" foi a sugestão de Sinfrônio, recusada pela maioria como galicismo, para não vincular a liberdade a línguas estrangeiras.

Avançando pelos meandros das categorias da liberdade, resolvendo todas as questões de maneira regimental, não conseguimos nos aproximar das raízes últimas da liberdade, que estávamos pro-

curando, enquanto o simpósio já estava no segundo dia.

Desesperado de encontrar logo uma solução Abelardo propôs prolongar o simpósio através de uma vigília cívica de acordo com a máxima: "O preço da liberdade é a eterna vigilância."

Mas o que se vai querer de um simpósio de velhos? Velho se agarra ao que tem, — quem vai querer que uma reunião de avarentos pague um preço qualquer? A proposta foi recusada, não queriam pagar o preço da liberdade e mandaram o Abelardo plantar batata.

Liberdade sexual — foi a sugestão seguinte — a reunião estava já um pouco desanimada mas ao ouvir "liberdade sexual" todos acordaram, houve várias sugestões, até que o Abelardo ainda ressentido com a recusa do preço da liberdade, conseguiu lavar um tento. "Liberdade sexual tem que ser dividida forçosamente em subcategorias: liberdade mono, bi e tri-sexual. A proposição era um pouco estapafúrdia. Liberdade monosexual evidentemente se relacionava com os monos, quer dizer, os macacos, mas vendo bem, às vezes a liberdade sexual dos macacos pode ser muito menos prejudicial do que muitas outras liberdades, assim pensava a maioria, além do mais não era possível contrariar o Abelardo duas vezes em seguida. O bi e tri-sexual como subcategoria foi aprovado também, embora até hoje não entendo o que futebol tem a ver com sexo.

Desde o começo da reunião estranhei o silêncio de Matos Carneiro. Este geralmente quer ficar com a última palavra... e hoje estava quietinho votando as proposições.

Mas vi logo que estava chegando a hora da intervenção dele. Ele levantou e falou com a voz cavernosa que lhe é habitual: "Proponho mais duas subcategorias para a liberdade sexual — a liberdade homo e a hetero-sexual." É difícil alguém contrariar propostas do Matos Carneiro, este quando começa, não larga o osso. O Sinfrônio tentou uma manobra dilatória: "Este Homo e hetero como você pretende que se escreva?" ele perguntou, o plano dele sem dúvida era mandar a proposição para a Comissão de Ortografia.

"Ora, com H naturalmente", respondeu firme o Matos Carneiro e nós todos sabíamos que o homem tinha cultura bastante para ter certeza das coisas.

"Não era melhor escrever sem H?" perguntou já meio reticente o Sinfrônio.

"Ah, você então quer escrever OMO e ETERO — isto é boa — Omo do jeito como você quer escrever é um produto de limpeza, enquanto o homo em latim quer dizer sujeira, fique sabendo! — O Matos Carneiro era latinista isto não tinha dúvida — mas com esta sua afirmação ele abriu uma brecha, que a turma do simpósio logo aproveitou, já tínhamos recusado o "Libertas quae sera tamen" como galicismo — e agora orgulhosos e cômicos da nossa responsabilidade, recusamos o homo e hetero como latinismo e o Matos Carneiro precisou ficar quieto.

Já estávamos no terceiro e último dia do simpósio e a liberdade fundamental, a raiz das outras liberdades não tinha surgido ainda. Já tínhamos classificado 43 categorias e 9 subcategorias de liberdades, mas cadê a liberdade última?

Aí o Pêrsio Fidegundes teve o estalo de Vieira, "Liberdade Capilar" ele berrou — Liberdade Capilar? que é isso? liberdade de usar loção capilar? será isto tão importante?

Não é isso, falou o Pêrsio, isto é a liberdade de deixar crescer a barba, como Cristo, ele falou, liberdade de deixar crescer o cabelo, sim, podem ter certeza, a liberdade capilar é a primeira e última das liberdades. — Nós olhamos um para o outro — o argumento de Cristo impressionou.

Mas o último argumento de Pêrsio foi o decisivo: Notem bem o que há com a liberdade capilar, é a única liberdade que tem raízes... e estas raízes atingem diretamente o cérebro humano, sede dos nossos pensamentos, do nosso saber."

O Pêrsio é danado de inteligente.

O nosso simpósio tinha chegado a um resultado glorioso.

A Liberdade Capilar foi eleita por unanimidade, a primeira e última das liberdades — a liberdade-chave — a liberdade raiz...



**Brasil
América**

SOCIEDADE DE INGLÊS

O MAIOR CONJUNTO DE LABORATÓRIOS DE LÍNGUA DA AMÉRICA DO SUL

SEDE:
Av. Graça Aranha, 19 —
3.º and. — Tel. 222-7568

FILIAL COPACABANA:
Rua Pompeu Loureiro, 41
Tel. 257-8667

FILIAL TIJUCA:
Conde Bonfim, 488. Gr. 301
Tel. 254-0363

FILIAL LEBLON:
Rua João Lira, 20
Tel. 267-9443

Arte minoritária ou massificação

De GIL PEDRO

Arte minoritária ou massificação, parece ser o dilema básico que as modernas sociedades industriais e mercantis propõem.

Arte verdadeira mas minoritária para o gozo das elites, arte massificada como produto de consumo e sujeito às leis do mercado, pela necessidade de produzir lucro, para o povo. É a contraposição proposta por Ortega y Gasset que fala em homem-massa, e minorias egrégias, numa distinção que o filósofo considera absoluta e inevitável como resultado das modernas estruturas sociais.

Examinando a dilema proposto verificamos sua falácia. A arte minoritária e a massificada se identificam no mesmo esquema de alienação. A arte das elites, afastada da realidade, das fontes de inspiração coletiva, torna-se hermética e alienada. A tendência desta arte minoritária, que reclama para si o epíteto de verdadeira, é tornar-se também apenas mais um produto do mercado de consumo, embora no mercado restrito dos privilegiados.

Arte massificada é o produto típico das novas sociedades do mercado, com a tendência de expandir seu séquito de consumidores mesmo à custa das chamadas elites. As elites, submetidas ao avanço das especializações, impostas pelas novas sociedades tecno-

cratas, conseguem cada vez menos manter um padrão de cultura geral, que há apenas uma geração era ainda sua característica. Desta maneira, o especialista, com sua tendência de saber cada vez mais, a respeito duma área menor, torna-se também presa fácil de cultura massificada e dos seus poderosos instrumentos de divulgação.

Surge aí a perspectiva duma nova unidade cultural num brutal nivelamento por baixo.

A difusão de produtos artísticos ou pseudo artísticos através do cinema, da televisão e do rádio alcança áreas cada vez mais intensas. Para o homem perplexo do nosso século de transformações rápidas a profusão destas mensagens representa um perigo cada vez maior de despersonalização.

Neste tipo de arte de massas o que importa são as leis do mercado e como resultado há um condicionamento do consumidor para o pior.

As coisas porém não se processam com esta lógica incoercível. Existe a reação do artista, que invade os modernos meios de comunicação e que mesmo em condições adversas produz obras de arte. E, muitas vezes quando isto acontece, surge algo inesperado, a adesão do público à obra de arte numa prova cabal que o homem comum da nossa era industrial e mercantil não é ainda um

alienado total, que sua natureza humana vibra e pulsa e ainda sabe sentir uma obra de arte.

Qual é então o remédio para esta situação? De que maneira escaparemos ao dilema de arte minoritária ou massificação?

Em primeiro lugar devemos reconhecer a falsidade do dilema proposto.

Em seguida é necessário identificar as duas espécies de arte como duas consequências equivalentes de uma situação social distorcida que resulta na mercantilização e alienação da arte.

Estabelecida a identidade fundamental em hermetismo e massificação como dois lados da mesma moeda, sabemos que não se pode combater uma das facetas sem enfrentar a outra.

A arte hermética, aristocrática desvia capacidades artísticas, para o terreno árido dos salões literários ou capelinhas artísticas, capacidades que deviam estar a serviço da criação da arte comunitária.

A arte massificada e popular é em si uma falsificação e como tal prejudicial ao corpo social.

Contra a arte hermética e contra a arte massificada é necessário levantar a arte comunitária e verdadeiramente popular. Como fonte de inspiração deverá servir o próprio povo com suas tradições. É lógico que a caminhada é difícil, a própria estrutura das sociedades de mercado é adversa a

toda arte autêntica, pois se a motivação básica da sociedade é o lucro, o tema da arte é a criação. Uma contradição que está na base dos conflitos entre a arte e os artistas e a sociedade em torno.

É uma luta árdua que tem que ser travada em todos os setores da criação artística e da vida cultural. Nesta caminhada ao encontro de uma nova e verdadeira unidade cultural, que deve ser empreendida no interesse da humanidade, as providências têm que ser práticas. Não adianta continuar teoretizando.

Em todos os setores da criação artística precisam surgir movimentos no estilo do Teatro ao Encontro do Povo, que resolveu levar o teatro de volta para a praça pública, procurando a renovação artística através da ação. A combatividade destes novos grupos de teatro popular que enfrentam com seu teatro de gabarito as ruas, sem concessões, mas sabendo falar uma linguagem popular, deve ser imitada em todos os setores de arte e cultura.

A renovação artística pela ação — o renascimento popular das artes, sangue-novo, novas idéias, nova linguagem — com aproveitamento das velhas tradições — uma sociedade técnica, sim, mas sem a despersonalização e alienação do homem... Uma longa jornada, um novo caminho, uma esperança...

PLATO ENGENHARIA

PLANEJAMENTO
TERRAPLENAGEM
OBRAS

INSTALAÇÕES COMERCIAIS
Decorações de Interiores

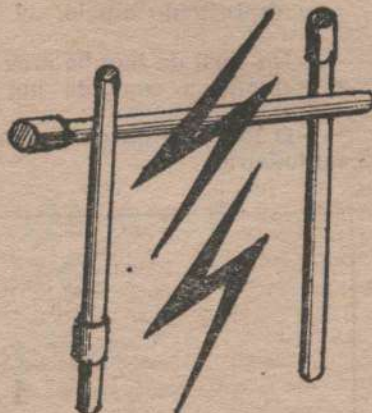
Reformas

Franklin Roosevelt, 39, s/ 914
Tel. 242-0904

ABIMAC

Máquinas de somar e calcular
Máquinas de escrever
Aparelhos para Contabilidade
Reformas — Conservação
Rua Buenos Aires, 223/905
Tel.: 222-4481

R.S. INSTALAÇÕES ELÉTRICAS E HIDRÁULICAS LTDA.



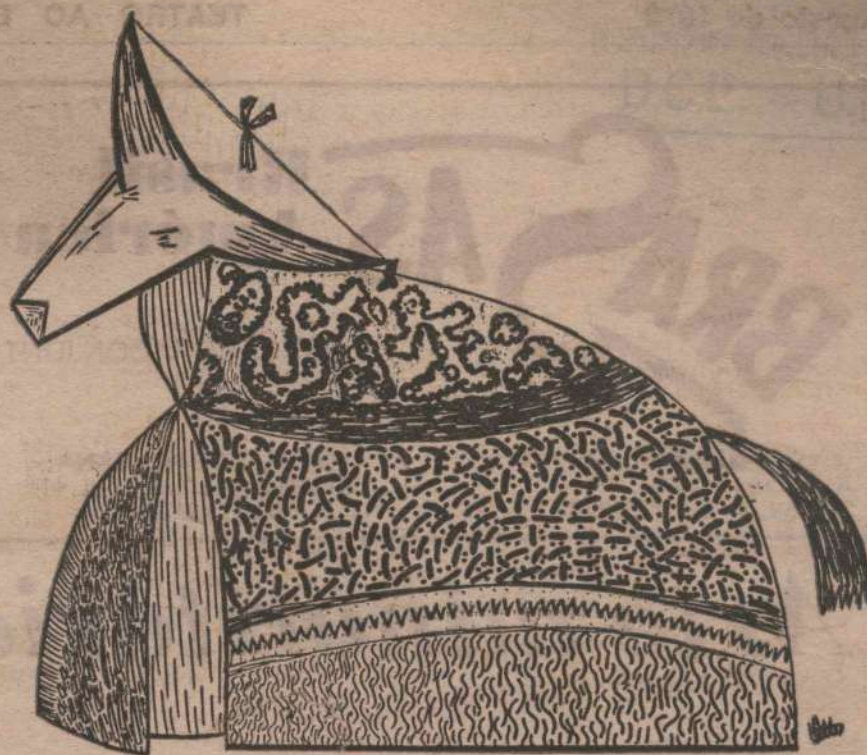
AV. TREZE DE MAIO, 47 S/2.504
Tel.: 222-5513 RIO GB

**Aptos a participar de
concorrências em construções
de grande vulto**

Realiza também instalações em obras
particulares, comerciais e residenciais

Retira-te boi — lá do meu sertão

De OTTO BUCHSBAUM



De todos folguedos populares o que ocupa maior destaque é o bumba-meu-boi.

Este é o mais original e mais complexo dos espetáculos populares, tendo assimilado elementos das mais diversas origens, como literatura de cordel, romanceiro, toadas de pastoril, de reisados, tudo isso em mistura com as velhas tradições das festas de boi de origem européia e africana. O conjunto num sincretismo artístico-religioso-folclórico, forma um espetáculo popular completo, que existe nas mais diversas formas no Brasil inteiro, de norte a sul.

Festas ligadas ao boi existiram nos mais diversos países há milhares de anos, remontam ao boi Apis intimamente ligado a Pthá e Osiris do velho Egito. Nas regiões pastoris sempre ressurgiu o boi como centro de festejos, como o boi de São Marcos e o Huaco. Em todas as regiões africanas existem tribos onde o boi é importante símbolo totêmico. As sobrevivências totêmicas ligadas ao boi têm considerável importância no Brasil, especialmente nas regiões onde há grande influência banto.

Desta origem surgiu, a festa do boi Geroa. O boi Geroa ao qual se festeja com cânticos, é uma procissão que tem como incumbência proteger as colheitas e os povoados; das mesmas fontes vêm os chifres de boi enfiados nas cercas das roças, que é um hábito que se observa no Brasil inteiro, e tem a finalidade de preservar do mau olhado.

O bumba-meu-boi reúne no seu bojo o conjunto das tradições ibéricas e africanas. Do ponto de vista religioso não se nota mais nenhuma sobrevivência totêmica, pois o bumba-meu-boi ligou-se intimamente às festas da Igreja, especialmente ao ciclo de Natal e Reis e à festa de São João.

As figuras deste folguedo popular podem ser divididas em três categorias: humanas, animais e fantásticas.

Entre as personagens humanas destaca-se o Capitão Boca-Mole que comanda o espetáculo. Em torno dele giram Mateus, Bastião e Arlequim, seus servidores. Catarina é uma negra resoluta, que geralmente acaba casando com Mateus. Além destes aparecem a Pastorinha que cuida do Boi, o Engenheiro que mede as terras, o médico que trata do Boi, o padre, o Mané Gostoso (de pernas de pau), o Valentão, a Costureira e muitas outras figuras que variam dum bumba para outro.

Entre os animais se destaca naturalmente o boi, em torno do qual gira a história toda. O boi é feito com uma armação de madeira coberta de pano e movimenta-

da por um ou dois homens. Em certos bumbas o boi morre e ressuscita, em outros morre e deixa testamento, em outros ainda o boi simplesmente sobrevive ou é curado pelo médico. Há também o Cavalinho Marinho que vem montado pelo Capitão e que com este se confunde, a Ema, a Cobra, a Burrinha são outras figuras de animais que aparecem em certos bumbas.

Entre as figuras fantásticas se destacam a Caipora, um gênio mau da mitologia dos índios e o Jaraguá, fantasma de um cavalo.

O espetáculo é acompanhado por uma orquestra na qual no Nordeste se destacam o zabumba, ganzá e pandeiro como instrumentos principais.

Junto à orquestra fica a cantadeira que maneja um pandeiro e canta as entradas e saídas dos personagens.

O bumba-meu-boi tem nos diversos estados brasileiros formas e nomes diferentes. Boi-bumbá no Amazonas, Boi de Reis ou Boi Surubi no Ceará, Boi Calemba no Rio Grande do Norte, Cavalinho Marinho na Paraíba, Bumba de Reis, no Espírito Santo, Boi de Mamão no Paraná e Santa Catarina e Boizinho no Rio Grande do Sul, além do nome mais geral de bumba-meu-boi que identifica este folguedo no Brasil inteiro.

Na história do bumba-meu-boi é famosa a crítica que o Padre Lopes Gama publicou em 1840 em "O Carapuceiro", jornal de Recife, Lopes Gama neste ataque ao folguedo popular critica especialmente a falta de respeito com relação ao padre que se tornara figura costumeira do espetáculo.

Nos bumbas atuais, a figura do padre continua aparecendo, mas não se pode falar em falta de respeito. O ator que faz de padre, em típico estilo de teatro popular, que sempre, muito antes de Brecht, acentuava a separação do intérprete do personagem, proclamava-se padre de mentira em versos deste tipo:

**Quem me vir assim dançando
Não julgue que fiquei louco
Não sou padre, não sou nada,
Virei secular há pouco.**

A ligação do bumba-meu-boi com a motivação religiosa e com o Natal é um traço comum da maioria de bumbas, conforme podemos ver nesta fala do Romeiro:

**Ilustre e nobre auditório
Tão descrente como honrado
Dê-me atenção de ouvido
O que deve ser explicado:
Naquela excelente noite,
Naquela noite resplandecente
Que nasceu Jesus na glória
Dos Santos Reis do Oriente...**

O que se discute muito nos bumbas são questões de dinheiro.

O tempo todo o Capitão discute o preço de certas encomendas ou empreitadas e serviços com a costureira, o mestre do tear, o vaqueiro, o engenheiro, etc., nunca se fala no entanto, em quantias certas. Quando chega o assunto dinheiro, as personagens sempre enrolam sem se definir direito.

No final, Mateus e Bastião que tem bexigas de boi cheias de, ar fazem o pagamento em bexigas-das.

As diversas personagens vão desfilar, sempre introduzidas pela cantadeira, para depois se acabar apresentando a si mesmo.

Mané Gostoso entra dançando sobre enormes pernas de pau e canta:

**Mané Gostoso
Perna de pau
Ele salta da cama
Cai no girau.
Vocês me chamam Gostoso.
Eu não sou gostoso não,
Gostoso é carne de porco,
Misturado no feijão.
Mané Gostoso
Perna de pau,
Ele dança, ele toca
Seu berimbau.**

Quando entra a Pastorinha, há entre ela e o Capitão este diálogo:

Capitão: Ô gentes, menina, pastoreando gado.

Pastorinha: Eu nasci, sinhô, vou cumprir meu fado.

Capitão: Por essas montanhas, corre um perigo. Dizei-me, pastora, se segues comigo.

Pastorinha: Se o sinhô é nobre não dê tal conselho. Deixe-me dá conta deste gado alheio.

No final do bumba-meu-boi há geralmente a cena do boi morto que ressuscita.

O Boi levanta ao comando da cantadeira:

Cantadeira: Levanta-te boi

**Vamos-no s'embora
Que é de madrugada
O romper da aurora
Retira-te boi
Lá do meu sertão
Volta, meu boi
Vai pro teu mourão
Retira-te, boi
Que já são hora
Já deu meia-noite
Já rompeu a aurora.**

O final deste auto de boi é a festa geral, todos os personagens se voltam para o público para a dança final da qual a assistência geralmente participa.

É difícil descrever o bumba-meu-boi, que é um espetáculo complexo onde a música, a dança e o ambiente são componentes indispensáveis. Como também é difícil transplantar toda originalidade e viveza do bumba para um ambiente diferente.

Luís da Câmara Cascudo, o grande folclorista potiguar, descreve uma experiência de levar um bumba-me-boi a uma estação de rádio.

"De um desses bumba-meu-boi, maravilhoso e legítimo, que fazia as alegrias de auditórios de todas as categorias, quando os levei a uma estação de rádio, assisti o mais completo desmoronamento das memórias, da vivacidade, da graça feiticeira. O estúdio retirou-lhes a faculdade de respirar normalmente. Todo humor esfusante, que caracteriza os cantores quando representam descalços e maltrapilhos ao ar livre, desapareceu, se tornaram gogos e tristes, como malandros iniciantes depondo na polícia."

O bumba-meu-boi como legítimo teatro popular deverá servir como fonte de nossa futura evolução teatral. Para os que pretendem arrancar o nosso teatro dos estreitos limites das salas de espetáculos, para os que acham que teatro é para todos — ei bumba — o grito do auto quando o boi investe — é um verdadeiro brado de batalha.

**LIDOGRAFICA
IMPRESSOS
BARATA RIBEIRO 181 J 2352035**